



CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Felicidade e Célio Sarmento da Silva – CONDIR NORTE

Jane e José Domingos Liuth – CONDIR SUDESTE

Lenir e Silvano Barbosa de Souza – CONDIR SUL

Maria do Rosário e Felipe de Castro Figueiredo – CONDIR NORDESTE

Zilda e Dorvalino Marcon – CONDIR CENTRO-OESTE

Rosana e Rubens Carvalho – COORDENAÇÃO NACIONAL

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Gabryel Oliveira de Souza

Jorge Antônio Soares Leão, Lucilea do Socorro Souza Costa, Kleber José Oliveira Rodrigues, Maria Sebastiana Soares Leão

Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Ailton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)

Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)

Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

A Carta da Terra —————	4	O monopólio da palavra e os — 31
Biografias que marcaram a Huma— 6		donos da verdade: uma sombra
nidade: Ariano Suassuna		sobre o nosso século
O rio e o oceano —————	10	Rogério Henrique Castro Rocha
A vida no Amor —————	11	Mimoso Feliz de bom Coração — 34
Abraçar —————	12	e seus amiguinhos
Ecologia mental —————	13	Um outro mundo é possível... — 38
Benditas fomes —————	15	Jorge Leão
Sabedoria búdica —————	17	Ideias para adiar o fim do mundo — 39
Francisco de Assis, ícone ecoló— 18		Seção Saude Integral ————— 41
gico de uma relação fraternal com		Todos somos águias ————— 44
cada ser da natureza		MFC repensando o MFC ————— 45
Humildade intelectual —————	22	Deonira e Jorge La Rosa e
Sobre a não-violência... —————	23	Renita Allgayer
Viver o amor caridade —————	25	Seja autor de sua cura... ————— 52
Eliane Pereira Goulart		Sugestões de Leituras ————— 53
Sempre haverá esperança —————	27	O rio aprendiz... ————— 56
Braúlio Bessa		Catador de lindezas ————— 58
A primeira missão do Cristão é — 28		Buscar o bem do outro – ————— 59
ser Família		um hábito do espírito
Edmar e Viviane Silva		O MFC que está em mim ————— 61
As duas economias —————	37	José Maurício Guedes
		Reflexões sobre a 7ª Arte ————— 63





A Carta da Terra

Preâmbulo

Encontramo-nos atualmente numa fase crítica da história do Planeta, num momento em que a humanidade precisa escolher seu futuro. O progresso rumo a modelos cada vez mais interdependentes, mas frágeis e contraditórios, projeta um futuro repleto de grandes perigos e de grandes promessas. Para progredir, temos de reconhecer que, não obstante a extraordinária diversidade de culturas e de formas de vida, somos uma única família humana e uma única comunidade terrestre com o mesmo destino. Temos de nos empenhar para construir uma sociedade global sustentável, baseada no respeito à natureza, aos direitos humanos universais, à justiça econômica e numa cultura da paz. Para alcançar este objetivo, é imperativo que nós, todos os povos da Terra, declaremos nossas responsabilidades uns em re-

lação aos outros, bem como o respeito à vasta comunidade dos seres vivos e das gerações futuras.

A TERRA, NOSSA CASA

A humanidade faz parte de um universo mais amplo, em rápida evolução.

A Terra, nossa casa, é viva e abriga uma única comunidade de vida. As forças da natureza fazem da existência uma aventura laboriosa e incerta, mas a Terra fornece as condições ideais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade dos seres vivos e o bem-estar da humanidade dependem da preservação da saúde da biosfera, de seus sistemas ecológicos, da rica variedade vegetal e animal, da fertilidade do solo, da pureza do ar e das águas. O ambiente global, com seus recursos limitados, pertence a todos os povos. A preservação da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um compromisso sagrado.





A SITUAÇÃO GLOBAL

O modelo dominante de produção e consumo causou devastação ambiental, o esgotamento das reservas e uma extinção maciça das espécies. Comunidades inteiras são destruídas. Os benefícios do desenvolvimento não são distribuídos equitativamente e a disparidade entre ricos e pobres aumentou sensivelmente. Injustiças, pobreza, ignorância e conflitos violentos tornaram-se cada vez mais difundidos e frequentes, provocando grandes sofrimentos. O aumento sem precedentes da população humana sobrecarrega os sistemas ecológicos e sociais. Tais tendências, ameaçando de perto os próprios fundamentos de segurança global, são perigosas; porém, não são inevitáveis.

OS DESAFIOS QUE NOS ESPERAM

A escolha é nossa: criar uma aliança planetária para proteger a Terra e cuidarmos uns dos outros, ou arriscar a destruição de nós mesmos e da diversidade biológica. Serão necessárias modificações radicais de nossos valores, de nossas instituições e de nossos estilos de vida. Temos de tomar consciência de que, depois de satisfeitas nossas necessidades primárias, o desenvolvimento humano consiste fundamentalmente em tornarmos-nos melhores e, não, em acumular riquezas e poder. Possuímos os conhecimentos e as tecnologias para prover todos os habitantes da Terra e para reduzir nosso impacto sobre o ambiente. Uma sociedade planetária

está emergindo e criando novas oportunidades para construir um mundo mais humano e democrático. Uma vez interconectadas nossas exigências ambientais, econômicas, políticas, sociais e espirituais, poderemos preparar, juntos, soluções que as incluam.

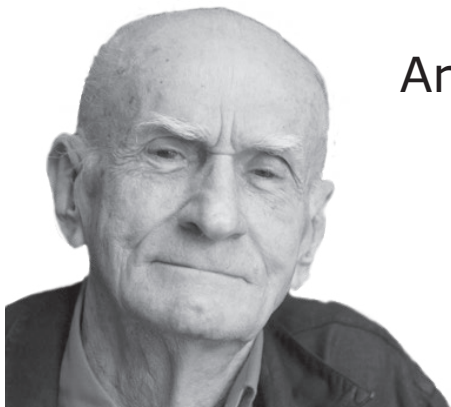
A RESPONSABILIDADE UNIVERSAL

Para satisfazer essas aspirações, temos de estar dispostos a viver conforme um senso de responsabilidade universal, identificando-nos com a comunidade terrestre inteira, não só com nossas comunidades locais. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de várias nações e de um único mundo. Se as realidades locais e globais estão interligadas, então, cada indivíduo tem sua parte de responsabilidade no bem-estar presente e futuro da vida humana e pelo mundo mais amplo dos seres vivos. O espírito de solidariedade e de parentesco com todas as formas de vida será reforçado se respeitarmos as fontes de nosso ser, vivermos com gratidão pelo dom da vida e mantivermos uma atitude profunda de humildade, conscientes do papel do ser humano no conjunto da natureza. Reconhecemos a necessidade urgente de uma visão partilhada de valores fundamentais que forneçam uma base ética para a comunidade mundial emergente.

Fonte: FERRERO, Elisabeth M., e HOLLAND, Joe. A Carta da Terra: reflexão pela ação. Tradução de Roberto Cattani. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2004, p. 43 – 45.



Biografias que marcaram a Humanidade



Ariano Suassuna
(1927 – 2014)

A arte como Missão

Ariano Suassuna nasceu em Nossa Senhora das Neves, atual cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, no dia 16 de junho de 1927. Ele foi poeta, dramaturgo, romancista e artista plástico.

Sua obra busca resgatar a identidade cultural do povo brasileiro por meio de elementos que, para ele, são fundamentais para que se mantenham vivos o passado, o presente e o futuro deste povo, tendo como matriz inspiradora a capacidade de resistência da cultura popular e a alegria do povo brasileiro.

Suas obras são profundamente influenciadas pela literatura de cordel e pelos espetáculos de circo (uma de suas paixões de infância), além do teatro de tradição mediterrânea e da novela picaresca espanhola.

Sua dramaturgia é proposta a partir de um teatro fortemente comprometido, tanto do ponto de vista moral quanto do político, como no caso de sua mais conhecida obra para teatro: “O Auto da Compadecida”, escrita em 1955.

Suassuna procura dar corpo a uma utopia: realizar o encontro entre o Brasil real e o Brasil oficial. A partir de uma análise machadiana, Suassuna destaca a necessidade de aproximar tais realidades. O “Brasil real” seria sempre considerado como oculto, ficando marginalizado, mas ainda assim vivo e pulsante nas manifestações da cultura popular (religiosidade, folclore, espontaneidade). O “Brasil oficial”, por outro lado, está vinculado pelos canais oficiais de comunicação, e registrado como o país que exporta riquezas materiais, com rico patrimônio natural e que está





entre as maiores economias do mundo.

Esse discurso só favorece ainda mais as desigualdades profundas que permanecem invisibilizadas pelas relações de poder construídas historicamente no Brasil.

Outro aspecto a ressaltar é que, segundo Suassuna, não há separação vital entre “cultura erudita” e “cultura popular”, porquanto não existe distinção de refinamento entre ambas. O que existem são diferentes condições de acesso à cultura. E isso por conta de um elitismo de classes que vigora em países como o Brasil, que exclui milhares de pessoas do básico ao acesso de bens culturais, tirando, desse modo, a possibilidade de conhecer a história da arte e o próprio fazer artístico.

O seu propósito, contudo, não é distanciar o Brasil de outras tradições culturais. Para ele, arte é um bem da humanidade. O que ele irá se opor terminantemente é à massificação cultural. A indústria cultural fabrica bens de consumo e nos vende a produção artística como um objeto de consumo.

Além disso, é preciso mostrar ao povo brasileiro que o Brasil tem uma “cultura brasileira”.

● “O nosso povo precisa enxergar o nosso país e se enxergar a si mesmo!”

● “Não deixem cair a chama da cultura brasileira. Isso não significa nem ufanismo nem exclusivismo”.

● “Uma nação não pode se fazer renunciando à sua originalidade.”

● “Não tenho nada contra a cultura estrangeira. O que tenho contra é a massificação cultural”.

Como consequência, Ariano enfatiza que é necessário distinguir entre “êxito” e “sucesso”. A obras de arte perduram, por isso têm êxito. A indústria cultural, por sua vez, traz consigo o traço do efêmero, sendo ligada à lógica do lucro, necessariamente vinculada ao “sucesso”. Quanto mais rentável, maior o sucesso de uma produção artística. E para isso não importa propriamente o conteúdo da mensagem, mas a sua aceitação midiática.

Obras de arte não são fabricadas para serem consumidas, pois isso as colocaria no patamar de mercadorias. A arte existe para o deleite da sensibilidade humana, para romper com preconceitos e padrões fixos de pensamento e de comportamento. Além disso, a arte pode ser apreciada enquanto conhecimento que oportuniza inclusão e transformação social. “Quando uma obra é boa, ela é contemporânea e eterna de todas as gerações.”



Exemplos que Ariano sempre cita: “Dom Quixote de La Mancha” (Cervantes), “Os Sertões” (Euclides da Cunha), além de autores como Dostoiévski e Shakespeare.

Durante sua vida, Ariano Suassuna pensa e produz arte como militância política. O seu intuito é mostrar que o Brasil é um grande país, tem uma grande cultura e tem um grande povo. Valorizar a cultura brasileira é o foco central do debate por ele promovido sobre a relação entre arte e cultura.

● “Minha ambição como escritor é o de representar bem o meu país e o meu povo.”

● “Eu milito politicamente como escritor.”

Assim, seu discurso é incessante no que diz respeito a lutar contra o “servilismo cultural”, que considera a cultura brasileira inferior à cultura europeia.

No propósito de lutar contra a vulgarização e descaracterização da arte brasileira, surge o “Movimento Armorial” (1970), com o objetivo de criar uma arte brasileira erudita baseada nas raízes populares da nossa cultura. Nesse período, Suassuna lança uma de suas principais obras: “Romance d’A Pedra do Reino” (1971).

A obra de Ariano Suassuna será homenageada na terceira edição do Festival de Arte e Cultura do Movimento Fami-

liar Cristão, na cidade de Maringá, no Paraná, programada para acontecer em julho de 2021. Para complemento dos estudos, deixamos algumas indicações de vídeos e entrevistas com Ariano Suassuna, disponíveis na internet:

● Ariano Suassuna: Provocações (entrevista com Antônio Abujamra, 2002)

● TV Brasil: Ariano Suassuna valoriza a cultura brasileira

● Panorama Ipea – Especial Ariano Suassuna

● Ariano Suassuna – o poeta do Nordeste (1979)

● TV Cultura: Ariano Suassuna (Autor por Autor)

● Humor como expressão da inteligência – Ariano Suassuna

● A arte como missão - Teatro Nacional Brasília, 2013.

● Programa especial sobre a vida e obra de Ariano Suassuna

● IELA / UFSC – Pensamento Próprio, Ariano Suassuna, 2013

Frases de Ariano Suassuna para nossa reflexão em grupo:

“O sonho é indispensável a qualquer um de nós.”

“Dom Quixote jamais foi um derrotado. Ele só seria derrotado se ele deixasse de acreditar”.





Sugestões para debate:

1 – Ainda há espaço para uma arte engajada, que leve ao povo o resgate de sua identidade cultural? Como é possível tal empreitada diante da imposição da indústria cultural, que visa transformar tudo em mercadoria?

2 – O que é possível extrair da persistência de Ariano Suassuna em lutar por manter viva a cultura popular, elevando-a à produção de um alto saber ligado à memória e à história do povo brasileiro?

Que aprendizado podemos extrair de sua militância artística para nossas equipes base?

3 – Por que é tão necessário nos dias atuais manter viva a chama das utopias, que nos inspiram como sonhadores e realizadores?

Referências Bibliográficas:

- SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida. Ilustração Manuel Dantas Suassuna*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

- VICTOR, Adriana e LINS, Juliana. *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 36,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (32) 98702-1600**



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Tel: (32) 3235-8286, de 13:00 às 18:00

**Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**



O rio e o oceano

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo.

Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente, um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre.

Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar.

Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência.

Você pode apenas ir em frente.

O rio precisa se arriscar e entrar no oceano.

E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece.

Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano.

Mas tornar-se oceano.

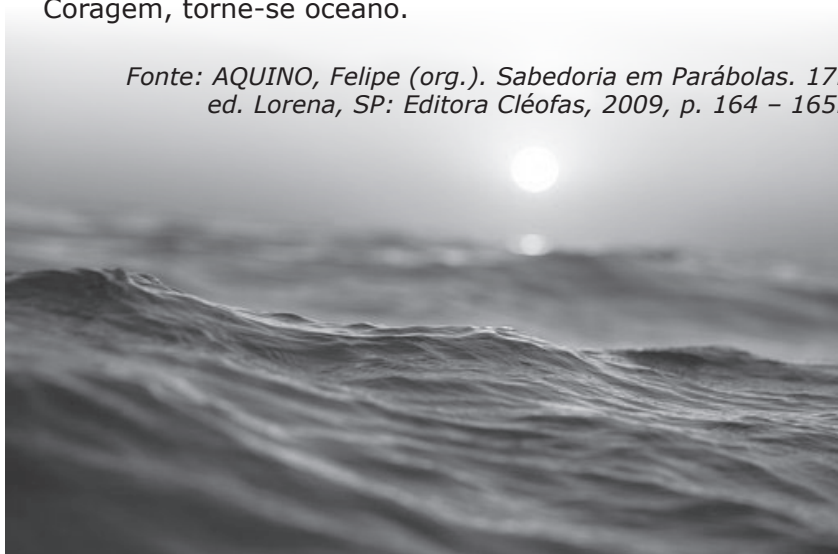
Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento.

Assim somos nós, voltar é impossível na existência.

Você pode ir em frente e se arriscar.

Coragem, torne-se oceano.

Fonte: AQUINO, Felipe (org.). Sabedoria em Parábolas. 17. ed. Lorena, SP: Editora Cléofas, 2009, p. 164 – 165.





A suprema felicidade da pessoa consiste em amar e ser amada. Nisso e para isso fomos criados por Deus, e é o amor que nos torna imagem e semelhança do Amor. Quando experimentamos o amor de um modo muito afetivo, envolvente e íntimo, temos vontade de que nada mais exista no mundo, de que cada momento seja eterno, de que todos os relógios parem seus ponteiros no infinito. Todo ato de amor nos faz conhecer, por antecipação, essa realidade que queremos definitiva e duradora e que, por analogia com o belo e ilimitado espaço cósmico que se abre sobre nossas cabeças, chamamos de céu.

Só somos capazes de amar, sendo capazes de morrer por esse amor. Só somos capazes de criar o mundo novo, sendo capazes de morrer por esse projeto. A vida é um movimento que, uma vez iniciado, não pode mais excluir a dialética de sua relação com a morte. Da explosão das estrelas surgem os planetas, da evaporação da água temos a chuva. O trigo que morre nos dá o pão, a uva que morre nos dá o vinho, o cereal que morre nos dá o arroz. Quem não morre para si mesmo não é capaz de nascer para os outros. Se não aceitamos enterrar o homem velho que nos

habita, não criaremos o espaço necessário para que o homem novo possa surgir.

Essa morte de si nada tem a ver com um espiritualismo masoquista que tornava os cristãos desfibrados, resignados e passivos. Se não nos lança na ousada aventura do amor, é um suicídio que, como tal, visa a satisfação do nosso ego. Morrer para si mesmo é destruir esse eixo que, em nossa vida, coloca os interesses pessoais acima dos interesses coletivos, as vaidades acima das verdades, a preservação individual acima da libertação social.

No amor ficamos nus diante do outro – conhecemo-nos assim como somos, sem máscara, sem fantasia, sem vergonha de nossa fragilidade. Essa aceitação de si mesmo faz com que a presença do outro não seja temida como ameaça. Aceitamos nossos limites, pois não queremos nos afirmar, nem possuir. Queremos servir e nos dar, nisso recebemos a vida. Essa é a condição de uma autêntica liberdade afetiva. Assumindo a nossa identidade real sem ilusão ou ansiedade, ficamos aptos a acolher o outro e a estabelecer com ele a reciprocidade do amor.

Fonte: BETTO, Frei. A Oração na Ação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 44 – 46.



Em 1966, uma amiga me levou ao aeroporto de Atlanta. Quando nos despedíamos, ela perguntou:

- Eu posso abraçar um monge budista?

No meu país, não costumamos nos expressar dessa maneira, mas eu pensei: "Sou professor de zen. Eu não deveria ter qualquer problema em relação a isso". E respondi:

- Por que não?

E ela me abraçou, mas eu fiquei um pouco paralisado. No avião, fiquei pensando que, se queria trabalhar com amigos ocidentais, deveria aprender a cultura do Ocidente. Por isso, inventei a meditação do abraço.

A meditação do abraço é uma mistura de Oriente e Oci-

dente. De acordo com tal prática, devemos abraçar o outro de verdade. Devemos ter ele ou ela verdadeiramente nos braços – e não apenas para manter a aparência, dando uma palmadinha nas costas, mas respirando de maneira consciente e abraçando-o(a) com todo nosso corpo, espírito e coração. "Inspirando, eu percebo que o ser amado está entre meus braços, vivo. Expirando, sei que ele é precioso para mim".

Respirando profundamente, a energia do seu cuidado e apreciação penetrarão a outra pessoa, que será nutrida e desabrochará como uma flor.

Fonte: ThichNhatHanh: A Arte de Amar. Tradução Rodrigo Peixoto. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015, p. 28 – 29.





ECOLOGIA MENTAL

A ecologia mental, chamada também de ecologia profunda, sustenta que as causas do déficit da Terra não se encontram apenas no tipo de sociedade que atualmente temos, mas também no tipo de mentalidade que vigora, cujas raízes remontam a épocas anteriores à nossa história moderna, incluindo a profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica*.

Há em nós instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos afastam da benevolência em relação à vida e à natureza. Aí dentro da mente humana se iniciam os mecanismos que nos levam a uma guerra contra a Terra. Eles se expressam por uma categoria: antropocentrismo.

O antropocentrismo considera o ser humano rei / rainha do universo. Considera que os demais seres só têm sentido quando ordenados ao ser humano; eles estão aí disponíveis ao seu bel-prazer. Esta compreensão quebra a lei mais universal: a solidariedade cósmica. Todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia intrincadíssima de relações. Todos são importantes.

Não existe isso de alguém ser rei / rainha e considerar-se independente, sem precisar dos demais. A moderna cosmologia nos ensina que tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. O ser humano esquece essa intrincada rede de relações. Afasta-se dela e coloca-se sobre as coisas, em vez de sentir-se junto e com elas, numa intensa comunidade planetária e cósmica.

Eis algumas tarefas importantes que se propõe a ecologia mental: trabalhar numa política da sinergia e numa pedagogia da benevolência, a vigorar em todas as relações sociais, comunitárias e pessoais; favorecer a recuperação





do respeito para com todos os seres, especialmente os vivos, pois são muito mais velhos do que nós; e, por fim, propiciar uma visão não materialista e espiritual da natureza que propicie o re-encantamento em face da sua complexidade e a veneração diante do mistério do universo.

Isso somente se consegue se antes for resgatada a dimensão do anima, do feminino no homem e na mulher. Pelo feminino o ser humano se abre ao cuidado, se sensibiliza pela profundidade misteriosa da vida e recupera sua capacidade de maravilhamento. O feminino ajuda a resgatar a dimensão do sagrado. O sagrado impõe sempre limites à manipulação do mundo, pois ele dá origem à veneração e ao respeito, fundamentais para a salvaguarda da Terra. Cria a capacidade de religar todas as coisas à sua Fonte

criadora e ordenadora. Desta capacidade re-ligadora nascem todas as religiões. Importa hoje ver revitalizada as religiões, para que cumpram sua função re-ligadora e encontrem expressões religiosas adequadas à nova experiência ecológica, que é ecumênica, holística e mística. A crise ecológica, para ser superada, exige um outro perfil de cidadãos, com outra mentalidade, mais sensível, mais cooperativa e mais espiritual. Eis as boas razões de uma ecologia mental.

*Do termo arquétipos, que correspondem a conteúdos simbólicos do inconsciente coletivo; imagens primordiais, segundo o psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875 – 1961).

Fonte: BOFF, Leonardo.
Ética da Vida. Brasília:
Letraviva, 1999, p. 29 - 31.

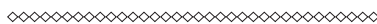
◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frases para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆



“A pessoa poderosa serve primeiro aos outros. Está atenta às necessidades de quem está ao seu lado.

A verdadeira felicidade está mais em compartilhar do que em receber.”

Monja Coen





Benditos os que têm fome de si e mergulham fundo no âmago do ser, arrancam dissabores do paladar medíocre, farto de migalhas caídas da mesa de Narciso. E os insaciados no apetite de beber do próprio poço e devorar gorduras impregnadas nas reentrâncias da alma.

Benditas as mulheres famintas de amor, feitas de fios de renda, a tecer a vida na magia de pequenos gestos cotidianos: a cozinha limpa, o feijão catado, a cama arrumada e o vaso da janela regado de ternura. Elas conduzem a lua como um farol que, mês a mês, atrai seus corpos para rubros mares prenhes de vida.

Bendita a fome itinerante de homens ávidos de saber, curiosos quanto aos mistérios desse breve existir, e cujas mãos transmutam árvore em mesa, trigo em pão e leite em manteiga. Generosos, não precisam exhibir espadas para

provar que são guerreiros. Espalhada à sua volta, a sombra do aconchego aninha a família em segurança.

Benditos os que reverenciam o sol, a flor, a água e a terra, e trazem um coração ao ritmo das estações, confeiteiros de primaveras espirituais. Esses sabem encher suas taças de chuva e assar o pão no calor de amizades.

Benditos todos que se irmanam ao canto telúrico de Francisco e dançam ao ritmo alucinado dos girassóis de Van Gogh, impregnados da sabedoria búdica que não se algeima à nostalgia do passado, nem se precipita na ansiedade do futuro. Eles saboreiam o presente como inestimável presente.

Benditas a manhã reinaugurando a vida após o sono; a idade esculpindo rugas carregadas de histórias; e todos que, saciados de anos, não



temem o convite irrecusável das bodas de sangue que, afinal, haverão de saciar a nossa fome de beleza.

Benditos os bem-aventurados na ânsia de ver reparado o pão da vida, sem encher a bolsa de sementes de podridão. Estes sentam-se à mesa com espírito solidário e têm direito à embriaguez do vinho que, transubstanciado, encharca o coração de alvissaras.

Benditas as mãos que traduzem sentimentos e semeiam carícias, aplacando a fome de afeto. E os olhos repletos de luzes e as palavras floridas de beijos. E esse voraz apetite de silêncio, leve como o voo de um pássaro.

Benditos a gula de Deus, os vulcões ativados nas entranhas, o arco-íris da pluralidade de ideias, a confraria das boas ações, os livros que nos leem, os poemas ecoados no centro da alma, a rua deserta ao alvorecer, o bonde invisível, a vida sem medos.

Benditas a ira contra os pinceis que rasgam telas; a luxúria dos balés musicados por virtudes; a preguiça dos sinos de igrejas; a avareza de quem se guarda dos vícios; e a lenta maneira de fazer crescer plantas, cumplicidades e gente.

Benditas as fomes de transcendência, de prefigu-

rações do eterno, de jovialidade do espírito, do bolo fatiado pelo cuidado materno, de vertigens místicas, de astros acelerados pela rotação de tantos sonhos redivivos.

Benditos os machados cientes de que seus cabos são feitos de árvore e as gaiolas abertas à liberdade; as agulhas que tecem o avesso da dessolidariedade e as facas de pontas arredondadas; a música de emoções indeléveis e os espelhos que refletem as mais saborosas oferendas da existência.

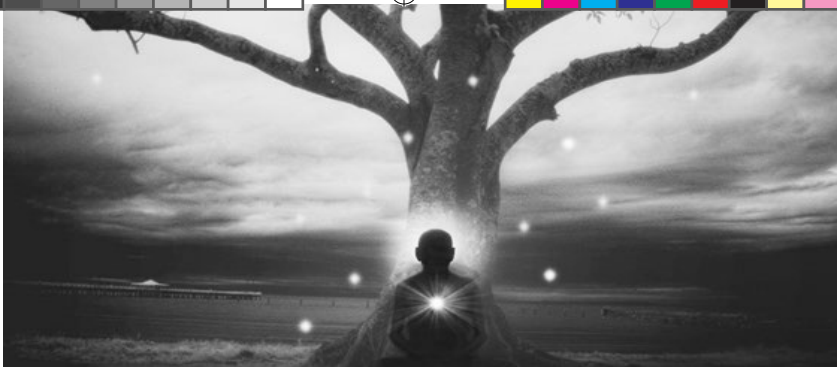
Benditas as fomes insaciáveis: de saber e de sabor; de despudor no amor; de Deus sob todos os nomes inomináveis. Fome de ócio sem culpa, de alegria interminável, de saúde e de prazer. Fome de paz. Saciada plenamente por justiça – a mais bendita das fomes, capaz de erradicar a fome maldita.

Vocabulário:

- Alvissaras: prêmio ou recompensa que se concede a alguém a quem anuncia boas novas ou entrega coisa que se perdera.

- Indelével: que não se dissipa; indestrutível.

Fonte: BETTO, Frei. Gosto de Uva – Escritos selecionados. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 23 – 24.



Sabedoria búdica

Certa vez – contava-se – uma mulher jovem e bela viu adoecer e definhar seu filhinho. Quando a vida abandonou o corpo da criança, a mãe enlouqueceu de pesar. Apertando ao peito o filho morto, saiu de casa em casa, pedindo um remédio que lhe restituísse a vida. Por fim, chegou à morada de um monge. Este, apiedado, murmurou consigo mesmo: “Ela não compreende”. E, em voz alta: “Minha pobre filha, eu não tenho o remédio que pedes: mas sei de alguém que o tem”.

“Dize-me quem é!” implorou a mãe.

“É o Buda. A ele é que deves dirigir-te”.

Ansiosamente ela foi em busca de Gautama. E o “iluminado” declarou: “Sim, conheço o remédio eficaz. É a semente da mostarda”. Mas, quando já a mulher se regozijava com a indicação de remédio tão comum, o profeta continuou: “Tens de obtê-la em alguma casa onde nunca

haja morrido nenhum filho, marido, pai ou amigo”.

A jovem mãe partiu a procura do remédio. Aonde quer que fosse, as pessoas se mostravam solícitas em dar-lhe a desejada semente. Mas a mulher perguntava: “Esta casa nunca foi atingida pela morte de nenhum filho, marido, pai ou amigo?” E respondiam-lhe tristemente: “Tal casa não existe em parte alguma. Os mortos são muitos, os vivos, poucos”.

Então, mergulhada em profunda cisma, ela se encaminhou a uma floresta e lá enterrou a criança. Quando tornou para junto de Gautama, este perguntou: “Encontrei a semente de mostarda?” E a mulher respondeu: “Não, meu mestre, mas encontrei a cura. Sepultei a minha dor na floresta. E agora estou pronta para seguir-te em paz”.

Fonte: THOMAS, Henry e Dana Lee. Vidas de Grandes Capitães da Fé. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1948, p. 42 – 43.



Francisco de Assis, ícone ecológico de uma relação fraterna com cada ser da natureza

Leonardo Boff

O Covid-19 remete a um problema ecológico: a reação da Mãe Terra e da natureza que, como entes vivos, reagiram contra a sistemática agressão que já há séculos sofrem pelo processo produtivista voraz que não respeita os limites de sustentabilidade e destruiu os habitat dos vírus. Estes buscam em outros animais ou em nós humanos um novo habitat, de cujas células se alimentam. É consequência do tipo de civilização técnico-científica que criamos a partir do século XVII que tratava a Terra e a natureza sem propósito e cujo único valor era estarem ao bel-prazer do uso dos seres humanos, para tirarem vantagens de todo tipo, especialmente, econômicas.

Foi abandonada a secular visão da Terra como Magna Mater e Pachamama. Só modernamente com a nova cosmologia e biologia se recuperou a noção da Terra como um Super Ente vivo que se auto-organiza sistemicamente para manter-se vivo e sempre produzir vida, denominada de Gaia.

18 fato
e razão



Hoje com o Covid-19 a concepção da Terra-Gaia e Pachamama dos povos andinos, ganhou relevância. Ela nos mostra a urgência de refazermos o contrato natural com ela, há muito violado, caso queiramos sustar seu contra-ataque contra a humanidade. Ela já enviou uma gama de vírus, entre eles o atual Covid-19 que pela primeira vez está assolando todo o planeta. Tais vírus, ao lado do aquecimento global e de outros eventos extremos são sinais enviados pela Mãe Terra para refletirmos e mudarmos nossa forma da habitar nela e mudarmos nosso modo destrutivo de produção.

A lição que importa tirar destes sinais é que devemos voltar a sentimo-nos parte da natureza e não seus donos e que nós humanos somos a porção inteligente da Terra





com a missão de cuidarmos dela, como condição de nossa própria sobrevivência.

Para isso precisamos de figuras exemplares que nos mostrem que outra relação amigável e não destrutiva para com a Mãe Terra e para com a natureza é possível. Na verdade, é a única que se revela benéfica para ambas as partes deste contrato natural.

No Ocidente surgiu um cristão de excepcional qualidade humana e religiosa que viveu uma profunda fraternidade universal com todos os seres da natureza: Francisco de Assis (1284-1226).

Em sua encíclica da ecologia integral, "Laudato Si: sobre o cuidado da Casa Comum", o Papa Francisco apresenta São Francisco "como o exemplo por excelência pelo cuidado pelo que é frágil, vivida com alegria e autenticidade. É o padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos" (n.10). Diz mais ainda: "Coração universal, para ele qualquer criatura era uma irmã, unida a ela por laços de carinho; por isso sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe...até das ervas silvestres que deviam ter o seu lugar no horto" de cada convento dos frades" (n.11.12).

O historiador Lynn White Jr. em 1967 em seu rumoroso

artigo "As raízes históricas de nossa crise ecológica" acusava o judeo-cristianismo, por causa de seu visceral antropocentrismo, como o principal fator da crise que nos dias atuais se transformou num clamor. Por outro lado, reconhecia que esse mesmo cristianismo tinha um antídoto na mística cósmica de São Francisco de Assis. Para reforçar a ideia sugeria que fosse proclamado "patrono dos ecologistas", coisa que o Papa João Paulo II o fez no dia 29 de Novembro de 1979.

Efetivamente, todos os seus biógrafos como Thomas de Celano, São Boaventura, a Legenda Perusina e outras fontes da época, atestam "a amigável união que Francisco estabelecia com todas as criaturas; enchia-se de inefável gozo todas as vezes que olhava o sol, contemplava a lua e dirigia seu olhar para as estrelas e para o firmamento".

Dava o doce nome de irmãs e irmãos a cada uma das criaturas, as aves do céu, as flores do campo e até ao feroz lobo de Gubbio. Constituíam fraternidade com os mais discriminados como os hansenianos (leprosos) e com todos as pessoas, como com o sultão MelekelKamel no Egito com quem teve longos diálogos e mutuamente se admiravam.

No homem de Assis tudo vem cercado de cuidado, simpatia e enternecimento.



O filósofo Max Scheler em seu conhecido estudo sobre "A essência e as formas da simpatia" (1926) dedica-lhe brilhantes e profundas páginas. Assevera que "nunca na história do Ocidente emergiu uma figura com tais forças de simpatia e de emoção universal como encontramos em São Francisco. Nunca mais se pôde conservar a unidade e a inteireza de todos os elementos como em São Francisco, no âmbito da religião, da erótica, da atuação social, da arte e do conhecimento" (1926, p.110). Talvez seja por esta razão que Dante Alighieri o chamou de "sol de Assis" (Paradiso XI,50).

Esta experiência cósmica ganhou uma forma genial no seu "Cantico di Frate Sole". Ai encontramos uma síntese acabada entre a ecologia interior com a ecologia exterior.

Como o filósofo e teólogo francês, o franciscano Eloi-Leclerc (+1977), sobrevivente dos campos de extermínio nazista, mostrou, que para

ele, os elementos exteriores como o sol, a terra, o fogo, a água, o vento e outros não eram apenas realidades objetivas mas realidades simbólicas, emocionais, verdadeiros arquétipos que dinamizam a psiqué no sentido de uma síntese entre o exterior e o interior e de uma experiência de unidade com o Todo.

Estes sentimentos, nascidos da razão sensível e da inteligência cordial, são urgentes hoje se quisermos refazer a aliança de sinergia e de benevolência para com a Terra e seus ecossistemas.

Acertadamente ponderou o grande historiador inglês Arnold Toynbee: "Para manter a biosfera habitável por mais dois mil anos, nós e nossos descendentes, teremos de esquecer o exemplo de Pedro Bernardone (pai de São Francisco), grande empresário de tecidos do século XIII e seu bem-estar material e começar a seguir o modelo de seu filho, Francisco, o maior entre todos os homens que já viveram no Ocidente. O exemplo dado por São Francisco é que nós, os ocidentais, deveríamos imitá-lo de todo o coração, porque ele é o único ocidental que pode salvar a Terra" (El Pais, 1972, p.10-11).

Hoje São Francisco se tornou o irmão universal que se situa para além das confissões





e das culturas. A humanidade pode se orgulhar de ter produzido um filho com tal amor, com tanta ternura e com tão grande cuidado para com todos os seres, por menores que parecessem.

Ele é uma referência espontânea de uma atitude ecológica que se confraterniza com todos os seres, convive amorosamente com eles, os protege contra ameaças e os cuida como irmãos e irmãs. Ele soube descobrir Deus nas coisas. Acolheu com jovialidade as doenças e as contradições da vida. Chegou a chamar de irmã a própria morte. Estabeleceu uma aliança com as raízes mais profundas da Terra e com grande humildade se unia a todos os seres para cantar louvores, junto com eles e não apenas através deles, como diz em seu Cântico, à beleza e à integridade da criação.

Como arquétipo, Francisco penetrou no inconsciente coletivo da humanidade, no Ocidente e no Oriente e de lá anima as energias benfazejas que se

abrem à relação amorosa com todas as criaturas, como se estivéssemos ainda no paraíso terrenal (cf. L. Boff, Francisco de Assis: saudade do paraíso, Vozes 1986). Ele mostra que não somos condenados a sermos os agressores pertinazes da natureza mas o seu anjo bom que protege, cuida e transforma a Terra uma Casa Comum de todos, da comunidade humana e terrenal. Ele suscita em nós a saudade de uma integração que perdemos por causa da ruptura que estabelecemos com a natureza. Com ele nos convencemos de que, por todos os lados, há ainda sinais do paraíso terrestre que nunca se perdeu totalmente.

Podemos, com o espírito de São Francisco, o irmão universal, recriá-lo dentro de nosso interior e irradiá-lo para o exterior, como lição aprendida do confinamento social forçado.

Leonardo Boff é ecoteólogo, filósofo e escreveu: Francisco de Assis: ternura e vigor, 12.edição, Vozes 2009

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frases para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“Muito mais importante que pensar na dor é encontrar os caminhos da cura.”

Célia Xakriabá – liderança indígena do norte de Minas Gerais





Muitos confundem humildade com humilhação. Ser humilde não é ser subserviente. Uma pessoa subserviente é aquela que se dobra a qualquer coisa, que se acovarda.

A palavra “humildade” tem uma raiz indo-europeia, que é húmus. Significa “o solo sob nós”, isto é, estamos todos no mesmo nível. Humildade intelectual é a capacidade de saber que nós estamos no mesmo nível como fonte de conhecimento para outra pessoa. Eu sei que ensino e sei que sou ensinado. Só é um bom ensinante quem for um bom aprendiz.

A pessoa que tem humildade intelectual é aquela que não se torna arrogante. Aquela que, por conhecer algo, não acha que domina tudo que pode ser conhecido. Humildade intelectual é entender que ninguém sabe tudo o tempo todo de todos os modos.

Ser humilde é ser capaz de entender que nós temos um nível de igualdade que nos aproxima daquilo que importa de fato, que é a ideia de humanidade que ensina e aprende em conjunto e que tem um patrimônio imenso (o conhecimento humano) a ser repartido na sua fonte.

Fonte: CORTELLA, Mário Sérgio. Pensar bem nos faz bem! :1. filosofia, religião, ciência e educação. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 57.





Sobre a não-violência...

A não-violência é atenção a todas as formas de vida, humanas e da criação, a começar pelas que já existem, mas estando atentos também às que virão. É disponibilidade a mudar a si mesmos enquanto se mudam a sociedade e o mundo, superando assim a esquizofrenia existente entre a paz dos corações, delegada à religião, e a paz das nações, delegada aos governantes. A não-violência é a única que hoje pode educar os seres humanos a ser tornar sujeitos conscientes e em relação que, em comum-unidade de métodos (comunidade), trabalhem a esperança em torno de objetivos de humana-unidade (humanidade), ultrapassando pertencas ideológicas, étnicas, religiosas, culturais e de classe, perigosamente belicosas. A não-violência permite superar o complexo de primogenitura de Caim, que reivindica para si mesmo um perigoso primeiro lugar. O complexo de primogenitura, de superiori-



dade, transforma-se em êxito na relações interpessoais, concorrência para as sociedades, competitividade para as nações, desregulamentação para o Norte do mundo.

A não-violência é não causar dano a si mesmo, por meio da recuperação da autoconsciência, das próprias possibilidades inexploradas, dos próprios talentos e da justa posição de si mesmo dentro da história humana. Isso significa superar não só o senso de inadequabilidade e, de curvados, pôr-se em posição ereta, mas também o oposto e da mesma forma perigoso complexo de orgulho, que torna as pessoas por demais grandes e individuais.

É não causar dano aos outros, ao próximo, recuperando a consciência do outro, da sua alteridade e da sua diferença, indispensável ao indivíduo para encontrar a sua própria identidade e indispensável ao outro para espelhar-se e confrontar-se nela.





É não causar dano à natureza, recuperando a consciência cósmica, que torna o ser humano irmão da água, do vento, do fogo e do ar, filho da Terra, porque de terra ele é empestado, de zinco, de cobre, de manganês, de pó das estrelas, numa palavra.

É não causar dano aos povos do mundo, não inferiorizá-los nem colonizá-los, ou seja, não dominá-los nem cultural, nem político, nem economicamente.

A não-violência, portanto, aplicada a si mesmo, ao próximo, à natureza e à espécie humana, é cultura e método para se chegar a uma economia de justiça e a uma políti-

ca de paz. A cultura da não-violência, que devolve justiça à economia e paz à política, é aquela que põe por terra o velho e obsoleto conceito do fim que justifica os meios, prerrogativa de todo poder centralizador e tirânico, que leva à fome e às guerras, servindo-se do meio que contém o fim (Gandhi), que conduz à justiça e à paz. É a cultura em que poderemos gozar de pães e rosas, isto é, de sustento e beleza.

Fonte: MARTINARI, Giuliana. A dança da Paz - da competição à cooperação. Tradução: José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 192 – 194.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



“Se concebermos a História como predeterminado processo de autodestruição da humanidade, teremos esquecido que o amor, a dedicação, a grandeza do ser humano e do esplendor das obras criadas por ele são algo que triunfa do processo de destruição.”

Karl Jaspers
(1883 – 1969)





VIVER O AMOR CARIDADE

Estamos num tempo que nos faz refletir sobre a necessidade de mudança nos nossos relacionamentos familiares, sociais, mas principalmente no nosso mundo interior.

Como cristãos, encontramos na Palavra de Deus o grande tesouro para aprimorar nossa vida, buscar um novo sentido, um novo agir. A Palavra nos coloca em sintonia com o Senhor e com sua graça, pois ela tem o poder de nos transformar.

Na Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 13, encontramos a fórmula máxima que nos indica o caminho da mudança. De tudo o que São Paulo escreveu nada é mais sublime que o Hino Amor Caridade que nos envolve e deve ser nossa identidade de fé.

O Amor é o maior de todos os dons. Se eu tiver qualquer dom, por mais precioso que seja, e não tiver Amor, não tiver a caridade, não serei nada. Posso não ter dom nenhum, nem ciência, nem sabedoria, mas se eu tiver amor em Deus, terei tudo.

O amor caridade não se deve restringir a dar ao próximo alguma coisa, o amor é muito mais: trata-se de um

dar-se a si mesmo, de “estar presente no dom como pessoa”. Amor-ágape, amor que vem do coração de Deus. Amor que jamais acabará. Expressa a caridade do coração divinizado, que se dá inteiro por amor, que cuida, se importa com o outro, que não espera nada em troca. Amor-cáritas, que nos ensina a viver o amor de Cristo plenamente, amor que se entregou por nós.

Os amores deste mundo podem esfriar, passar, cairão no vazio se não forem alimentados, impulsionados com o amor caridade. E o que é o amor-caridade?

É o amor paciente, bondoso, que não se enche de inveja, nem é orgulhoso, nem arrogante.

Nesse tempo que vivemos, somos chamados a exercitar a paciência, a suportar-nos uns aos outros com leveza. Quando a paciência vai embora, o amor está esgotado, fraco, sem consistência. É preciso renovar o amor, exercitando a misericórdia. O amor que se renova, busca viver a paciência, as delicadezas com o outro...

O amor não se enche de pretensão, de orgulho, de querer aparecer. Quer se co-



locar embaixo para o outro crescer... É divino o amor que vem de Deus...

O amor não busca os próprios interesses. Não chama atenção para si, não é escandaloso. Não se irrita com qualquer coisa. Quando nos irritamos com facilidade é preciso remodelar nosso pequeno amor com o Amor Caridade.

O amor não guarda rancor, não guarda mágoa. Não fica remoendo o passado, murmurando queixas.

O amor caridade não se encoleriza, não leva em conta o mal sofrido. Não tolera a injustiça, mas busca a verdade acima de todas as coisas.

É o amor que tudo perdoa, crê que é possível recomeçar, sabe esperar e é capaz de tudo suportar.

O amor caridade é um amor exigente. Exige trabalhar na intimidade do coração para que seja moldado, direcionado por Deus. Exige aperfeiçoamento das próprias virtudes. É um amor maduro, pleno, que não se preocupa com a sua imagem, com o que os outros pensam ou dizem.

É um amor gratuito, não espera nada em troca. Ama por amar, cuida por cuidar. É sincero, profundo e puro, sem interesse. O amor que vem de Deus jamais acabará.

Esse Amor que inspira e acompanha todas as obras, é reflexo de Deus! Amar é fazer Deus presente no mundo. "Amar o próximo" está intrinsecamente ligado ao "amar a Deus". São João se expressa assim: "Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós" (1 Jo 4,12).

Deixemo-nos seduzir pela Palavra de Deus, para que Deus trabalhe em nosso coração. Que Ele nos capacite a sentir compaixão pelo próximo, pois só assim podemos usar de misericórdia, mesmo quando feridos e ofendidos. Peçamos que o Espírito Santo ilumine nossos sentimentos para percebermos o quanto Deus é misericordioso. Somente uma gota de seu sangue é suficiente para nos salvar e Cristo derramou todo o seu sangue por nós. Grande e misericordioso é o Amor de Deus.

Que possamos contribuir com nosso amor caridade, para o bem comum de nossas famílias, de nossas comunidades, de nossa sociedade. Onde estivermos, por onde passarmos, vamos semear o amor, vamos plantar misericórdia, vamos dar o melhor de nós. Com Fé, Esperança e Amor.

Eliane Pereira Goulart
MFC Florianópolis





SEMPRE HAVERÁ ESPERANÇA

Braúlio Bessa

Enquanto o amor pesar /
mais que o mal na balança,
enquanto existir pureza /
no olhar de uma criança,
enquanto houver um abraço, / há de haver esperança.
Enquanto nosso perdão / for mais forte que a vingança,
enquanto se acreditar / que quem acredita alcança,
enquanto houver ternura, / há de haver esperança.
Enquanto você sorrir / por uma boa lembrança,
enquanto você lutar / com uma força que não cansa,
enquanto você for forte, / há de haver esperança.
Enquanto a canção tocar, / enquanto seu corpo dança,
enquanto nossas ações / forem nossa grande herança,
enquanto houver bondade, / há de haver esperança.
Enquanto se acreditar / numa sonhada mudança...
pelo fim da violência, / pelo fim da insegurança,
enquanto existir a vida, / há de haver esperança.
Esperança no amanhã / e no agora também.
Tenha pressa, é urgente, / não espere por ninguém.
Não adianta esperança / se você não faz o bem.
Transforme sua esperança / em algo que não espera.
É no meio da maldade / que a bondade prospera.
É justo no desespero / que a paz chega e impera.
É quando se está sozinho / que um abraço tem valor.
Repare que é no frio / que a gente busca o calor.
E é justo onde existe ódio / que tem que espalhar amor.
Não adianta assistir, / não adianta observar,
se você não se mexer, / as coisas não vão mudar.
E até a esperança / vai cansar de esperar.
O mundo já lhe esperou / desde a hora de nascer.
Lhe apresentou a vida / e fez você entender
que se o problema é o homem, / o homem vai resolver.
Afinal, a gente nasce / sem trazer nada pra cá,
na hora de ir embora / o mesmo nada vai levar.
O que importa de verdade / é o que a gente vai deixar.





A primeira missão do Cristão é ser Família

Evangelho de Marcos 5:1-19 ou Atos 1:1-12

Outubro, mês missionário, a Igreja celebra a devoção a uma de suas grandes santas, uma doutora, uma mestra do amor: Santa Terezinha do Menino Jesus, a padroeira dos missionários, e ela dizia: "Ó Jesus, meu amor! Minha vocação, enfim, eu encontrei, minha vocação é o amor" (Santa Terezinha).

A vocação de Santa Terezinha foi despertada quando percebeu a imensidão do amor de Deus a todas as criaturas, especialmente àquelas irmãs que menos lhe agradavam. Desde pequena ela, a cada dia, acordava e perguntava ao Senhor: "A quem amar e como amar nesse momento?".

É isso também que devemos fazer. Amar é o maior de todos os desafios do cristãos, que Deus nos faz todos os dias e é por ele que se alcança o céu, é também pelo amor que despertamos para a nossa missão.

Muitos não o compreendem, outros não tiveram a graça de experimentá-lo, porém, quem vivenciou o verdadeiro amor, por ele se deixa transformar.

Missão e amor caminham juntos. Quando ouvimos a palavra "missão" ou "missionário", dá a impressão que são aquelas pessoas que saem de seus lares e partem para





longe para levar Palavra de Deus a um pecador, ou fazer um trabalho social por amor ao próximo, ou ainda que ser missionário é somente quando estamos na igreja servindo em alguma função.

Tudo isso está correto, porém a primeira missão dos cristãos é ser família dentro de seu lar. A formação de um missionário está intimamente ligada à sua primeira escola: a sua própria casa, no seio da família.

Todos nós, através do batismo, somos convidados a evangelizar, conforme disse o Senhor em seu último pedido: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura" (Marcos 16-15)

Todo o mundo inclui a nossa casa, esposa (o), filhos, parentes, colegas de trabalho e também os lugares distantes. Para uma missão ter êxito, aquele que está sendo enviado precisa ter uma boa retaguarda, ter a instrução, conhecimento do local a ser realizado a missão e estar cheio do Espírito Santo, pois é ele que irá mostrar a direção.

De nada adianta buscar ser exemplo na Igreja se não busco viver essa verdade em minha própria casa. Temos que praticar o dar testemunho em nossos lares levando as pessoas a conhecer Deus, pois só conhecendo Deus para amá-Lo

e quem O ama, quem O conhece, jamais O abandona.

Não adianta querer cuidar dos famintos que estão batendo a sua porta, se na tua casa as prateleiras estão cheias, mas os corações estão vazios. Lembremos que nossa missão começa primeiro pelos de nossa casa, os da nossa família, porque eles são importantes para Deus.

Parece mentira, mas existem pais que passam a vida inteira sem conhecer seus filhos. Qual a cor preferida de seu filho? O que gostam de comer? Quais são seus hobbies? Com quem andam? O que fazem nos momentos de ociosidade? Com quem conversam nas redes sociais? Quais jogos estão jogando agora? Qual é a série que seu filho está estudando? Onde estão neste momento?

Isso soou familiar. Cuidado, pois esses pais estão vivendo a própria vida sem incluir seus filhos na sua rotina e quando se sentem culpados pela ausência, quando a consciência cobra, tentam compensá-los com presentes, mas não dedicam um "tempinho de qualidade".

"Tempinho de qualidade" é quando compensamos a presença com presença, é ser família, é estar junto sempre que possível, é fazer as refeições à mesa, é dialogar, é



abraçar, é cantar, se alegrar juntos, é perdoar e também dobrar os joelhos em família para agradecer a Deus. Em família e com a família, as bênçãos de Deus acontecem.

“Tempinho de qualidade” são aqueles momentos que guardamos na memória, que serão a bagagem de nossos filhos, para enfrentarem os desafios futuros. É tudo que ensinamos com amor sem parecer um fardo pesado e que vai formando a personalidade dos filhos que temos.

“Tempinho de qualidade” é você chamar um filho para ir à Santa Missa, para rezar o terço em família e mesmo que ele não queira, e mesmo após uma negativa, não perder a esperança e continuar insistindo, persistindo pois um dia você pode se surpreender, se ele aceitar o seu convite.

Lembremos: até diante da cruz Jesus acreditou que era possível salvar a humanidade, e um pai, uma mãe não pode desistir de sua família, deixando seus filhos vivendo num mundinho virtual, pois

aos poucos seu filho irá se acomodar com o “novo normal” e será pouco provável que ele desperte o amor e o interesse pelas coisas de Deus.

Sua família é sagrada e precisa de você para fazer esse amor fecundar. Quando nós não estamos atentos às pequenas mudanças que acontecem embaixo de nossos olhos e não temos um “tempinho de qualidade” com nossos familiares, com nossos filhos, como nossos idosos, o mundo lá fora dará um jeito de ocupar esse lugar.

Feliz somos nós, mefecistas, que temos como carisma o acolhimento e o Amor, pois Madre Tereza de Calcutá já nos alertava quando dizia: “No entardecer, seremos julgados pelo amor”.

Louvido seja Nosso Senhor Jesus, que nos deste uma família para cultivar esses carismas. Sejam gratos a Deus pela nossa vocação, pela nossa Família.

*Autores: Edmar e Viviane
Silva. MFC Astorga/PR*



***“O futuro tem um
coração antigo.”***

Carlo Levi
(1902 – 1975)





O monopólio da palavra e os donos da verdade: uma sombra sobre o nosso século

Gostaria de lançar algumas questões. Questões que haverão de conduzir algumas percepções apresentadas ao longo do texto. Alguém pode deter o monopólio da linguagem, dela assenhoreando-se a ponto de declarar-se dono da “última palavra” sobre alguma coisa? Podem as palavras, e os discursos que com elas construímos, possuir proprietários e/ou proprietárias? E mais, a “última palavra” é a que vale enquanto verdade?

Antes de qualquer coisa, não pretendo selar o destino das questões ora levantadas, dando a elas respostas definitivas. Em verdade, para mim vale aqui muito mais o percurso a que nos levam as perguntas do que propriamente alguma certeza que delas pudéssemos extrair, à moda dos que possuem respostas prontas para cada indagação que a vida apresenta. Afinal, se assim o fizesse, calaria em mim a própria liberdade do pensar, o enclausurando em cascas de verdades endurecidas. Incorreria, ademais, também na mesma prática que é objeto desta breve elucubração, qual seja, a de tomar posse das palavras, em meio ao reino da linguagem, como se elas me



pertencessem em suas inteirezas de vigores e sentidos.

A linguagem origina-se na abertura para o ser que nela habita. É com ela que nos tornamos disponíveis para o mundo, para toda a teia de relações performativas do dizer, no qual buscamos compreensão. Do mesmo modo, num plano onde estivéssemos teoricamente em condições iguais nesse dizer e compreender, no âmbito do pensar e performar nossas falas, em abertura para o que o outro tem a compartilhar, a palavra seria livre. Circularia em meio ao ir e vir de intenções buscadas no entrelaçar de mentes e vivências, sabedora de sua disposição para com os consensos e dissensos, contudo, na dinâmica natural de um lugar último, onde os múltiplos olhares se encontrariam. Nesse sentido, a tomaríamos como aberta e livre, palavra apenas. Sem proprietários que as tomassem por suas e só suas.



Ocorre que, na banalidade das vidas vividas na condição contemporânea, a linguagem vem sendo degenerada. E em sua degeneração, tem-se tornado mero palavrório, um dizer pelo dizer, um vomitar de coisas que não aderem a sentidos ou verdades (seja lá o que queiram significar hoje as verdades). E nesse falar sem fundamento, perde-se a relação e a dimensão autêntica daquilo sobre o que falamos.

Dadas tais condições, é estabelecido um plano situacional em que qualquer pessoa pode falar sobre o que quiser, como quiser, sem base mínima, no movimento de um simples dizer, arrogando a titularidade de um discurso, de uma fala, de um repertório qualquer de ditos sobre coisas, ideias e circunstâncias.

Com isso, surgem o gestual de fachada e o discurso de superfície. Encenações fúteis que ornamentam o palavrório instituído, que não consegue superar, em diálogo, os limites mínimos de seus próprios muros, encerrado nas grades de um cárcere indevassável.

Para piorar, a coisificação tecnológica do mundo em que vivem os humanos (ainda em humana condição) também os abocanha, sugando-os para dentro dessa imparável zona de banalização desumanizadora.

Afastado o humano de sua condição essencial, deixa de ser ponte e laço, deixa de fazer e dar travessia ao outro, de ser e estar com o outro, e isola-se no seio da impotência que ajudou a alimentar.

Cada vez mais distantes da verdade, esses senhores e senhoras, 'donos e donas da palavra', da Terra e inimigos capitais de todo o pensar que lhes é contraposto, fecham as portas dialógicas que conduzem a sentidos mais profundos, passando a viver de si e para si, na pequenez das mundanidades.

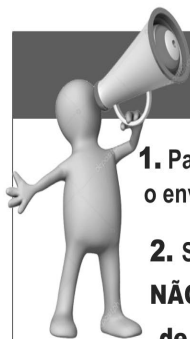
Nesse quadro, ódio e hostilidade representam um universo de não-sentido, assegurado pela vontade insaciável de hegemonia, sustentada à base de uma disposição quase sempre bélica para a disputa, visando violar, sobrepujar e vencer. Com isso, imaginam assegurar a durabilidade do seu pensar e dizer em modo de palavrório.

O espetáculo que vemos avultar celebra homens e mulheres de rebanho. Homens e mulheres da repetição do mesmo. Que perigosamente amplificam o deserto da linguagem, derrubam as pontes e monopolizam os discursos, devastando e desgastando a essência da verdade no fosso da inviabilização dos diálogos. Enquanto isso, como diria Nietzsche, "o deserto cresce".



E o que nos sobra, afinal, quando alguém se apropria da verdade e arroga-se o 'direito' da "última palavra"? Sobram as aparências e o brilho tímido de alguns acordos forçados, feitos para compartilhar verdades circunstanciais. Sobra a vertigem que nos envolve, turvando nosso presente, devastando nosso futuro.

Rogério Henrique Castro Rocha é escritor, poeta, palestrante, bacharel em Direito e licenciado em Filosofia, ambos pela UFMA, servidor público do Poder Judiciário do Estado do Maranhão, Mestre em Criminologia pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal) e membro fundador dos projetos filosófico-literários INICIATIVA EIDOS e DUO LITERA.



AVISO AOS ASSINANTES

- 1.** Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
- 2.** Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo tel **(32) 3235-8286**, de **13:00 às 18:00** ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC: **livraria.mfc@gmail.com** ou ainda pelo **whatsapp (32) 98702-1600**.
- 3.** Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
- 4.** O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago.

**Temos o máximo
prazer em mantê-lo
como assinante.**





Mimoso Feliz de bom Coração e seus amiguinhos

Solange Castellano Fernandes Monteiro MFC – RJ

Era uma vez uma casa simples na qual existia uma família muito trabalhadora. Era uma casa simples, mas muito feliz. Lá nessa casa existia um gato chamado Mimoso que os donos cuidavam com muito carinho. Esse gatinho, ao contrário dos outros gatos, brincava com muitos ratinhos e os chamava de grupo de amigos do MFC. Assim, os seus donos deram o nome de Mimoso Feliz e de bom Coração.

Seu dono era um alfaiate muito famoso na cidade. Alfaiate é o moço que faz ternos para advogados, para quem vai casar, para os moços que vão para uma festa muito chique.

Só que seu dono estava muito cansado de tanto trabalhar. Afinal, fazia muitos ternos para os moradores da cidade.

Um dia, um de seus clientes brigou muito com ele porque achou muito defeito em seu terno. Ele disse:

- Esse terno está horrível e muito mal feito!

Saiu furioso e disse que queria o terno pronto e bonito no dia seguinte pela manhã cedo.

O gato Mimoso e os ratinhos escutaram tudo e ficaram com dó do coitado do alfaiate. Sua mulher começou a chorar porque sabia que o alfaiate estava cansado e não conseguiria fazer o terno.

O dono do gato ficou muito triste, mas começou a fazer um novo terno.

Passou o dia cortando o tecido e costurando. Mas, estava tão cansado que adormeceu.



Essa História é uma adaptação da história Mimoso Coração de Ouro da Editora Vecchi. Coleção "As joias dos Contos de Fadas", que eu ganhei em 1961 quando me alfabetizei





Foi aí que Mimoso que tinha mesmo um coração de ouro chamou seus amigos ratinhos e falou sobre sua ideia.

-Vamos costurar a noite toda para fazer esse terno novo. Mas vamos costurar em silêncio para não acordar o alfaiate, para ele poder descansar.



Assim foi feito, Mimoso e os amiguinhos ratinhos trabalharam a noite toda e fizeram um terno lindo e maravilhoso.

Pela manhã, quando o sol nasceu, o alfaiate foi acordado por sua esposa. Ele e ela começaram a chorar abraçados porque acharam que tinham fracassado em sua missão de fazer o terno para aquela manhã. Logo seu cliente chegaria e ficaria furioso.

No entanto, quando olharam para a cadeira viram um terno lindo pronto



Eles ficaram felizes e logo o dono do terno bateu na porta. Ele entrou e logo viu o terno na cadeira. O dono ficou maravilhado com o terno. Ficou tão alegre que até pagou um valor maior em dinheiro para o alfaiate, porque ele achava que o alfaiate não conseguiria fazer um terno tão bonito e caprichado



Quando o cliente foi embora, o alfaiate e a mulher ficaram intrigados. E se perguntavam quem poderia ter feito tão belo terno. Pensaram, pensaram e não imaginavam. Até que escutaram um barulhinho atrás da porta. E viram que era o Mimoso coração de Ouro e seus amigos festejando o que tinha acontecido.





Aí o alfaiate e sua mulher tiveram uma ideia para retribuir tamanha generosidade desses bichinhos.



Os dois costuraram roupinhas para eles e fizeram um banquete.

Deixaram tudo arrumadinho sem eles verem. Quando eles saíram à noite para costurar outro terno, encontraram uma mesa cheia de coisas que eles gostavam de comer. E, ainda, em uma cadeira as roupinhas lindas que os seus donos fizeram.



Eles vestiram as roupinhas e sentaram na cadeira da mesa e começaram a comer com muita felicidade. Mimosa e os ratinhos entenderam o que os donos queriam dizer: para um gesto de solidariedade sempre terá uma retribuição gostosa.

O alfaiate e a esposa ficaram escondidos vendo tudo e muito gratos pelo gesto tão bonito daqueles que eles nunca imaginavam fazer uma ação tão linda em suas vidas.

Dali em diante todos passaram a trabalhar juntos para fazerem belos ternos sem se cansarem muito.



Questões para reflexão:

- Que gesto de solidariedade o Mimosa e os amiguinhos fizeram?
- Como seus donos se sentiram com o gesto de Mimosa e os seus amiguinhos?
- O que Mimosa e seus amiguinhos entenderam que seus donos queriam dizer com a retribuição do que fizeram para eles?
- Por que os donos do Mimosa não imaginavam deles fazerem uma ação tão bonita na vida deles?
- Que gestos de solidariedade os membros do MFC mirim podem realizar para outras pessoas que precisam?





As duas economias



A economia dos bens materiais é diferente da economia dos bens espirituais.

Na primeira, quanto mais dou, menos tenho. Na segunda, quanto mais dou, mais tenho.

Na primeira, na economia dos bens materiais, quanto mais dou roupas, terras e dinheiro, menos tenho em bens materiais. Na segunda, na economia dos bens espirituais, quanto mais dou amor, generosidade e compaixão, mais sou em bens espirituais.

Finalmente, são esses bens espirituais que não se corrompem, que não morrem e que podemos levar conosco para a vida eterna.

Leonardo Boff: "A força da ternura", p. 74.

*Todo ato amoroso é uma
oração.*

Pe. Arnaldo Lima Dias
(1945 – 2017)





UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL...



Na admissão da falência do atual modelo civilizatório, que explora, degrada a natureza e exclui seres humanos dos direitos básicos de sua dignidade...

Na paz inquieta da urgente justiça solidária...

Na bioeconomia que acompanha os ciclos da vida...

Na solidariedade que reúne culturas e povos, sem discriminação étnico-racial, ideológica, de gênero ou religiosa...

Na religião da Espiritualidade com a totalidade da experiência carnal e mundana...

No pão partilhado... numa terra sem males...

Jorge Leão
Agosto 2020





Ideias para adiar o fim do mundo

Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter.

Para que não fiquem pensando que estou inventando mais um mito, o do monstro corporativo, ele tem nome, endereço e até conta bancária. E que conta! São os donos da grana do planeta, e ganham mais a cada minuto, espalhando shoppings pelo mundo. Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no

mundo todo. Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. Se você for para Tóquio, Berlim, Nova York, Lisboa ou São Paulo, verá o mesmo entusiasmo em fazer torres incríveis, elevadores espiroquetas, veículos espaciais... Parece que você está numa viagem com o Flash Gordon.

Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. Porque tem uma humanida-





de, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envolvidos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para

dominar esse recurso natural que é a terra”. Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo.

Fonte: KRENAK, Aílton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 20 – 23.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frase para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

***“Eu sou uma fruta madura,
que cai do pé lentamente.
Na queda larga semente, procura uma terra
fresca para ser fruta novamente.”***

Mestre João Grande (Capoeira)





BEBIDAS PARA O SISTEMA NERVOSO

ESGOTAMENTO NERVOSO

O nervosismo, o estresse ou a depressão requerem uma dose suplementar de vitaminas e neuroprotetores antioxidantes

I - PODER CEREBRAL



A combinação acertada de vitaminas do grupo B, procedentes de nozes e gérmen de trigo, junto com substâncias antioxidantes neuroprotetoras encontradas nas bagas e nos nutrientes da aveia, tornam esta bebida um autêntico tonificante do sistema nervoso.

Quando necessário, o uso da bebida PODER CEREBRAL uma ou duas vezes por dia fornecerá energia natural aos neurônios, combatendo o estresse, a fadiga, o nervosismo e a depressão.

INGREDIENTES

Para 3 porções de 250 ml

- 2 xícaras de leite de aveia ou quinoa. O leite de aveia pode ser preparado em casa.
- Meia xícara de amoras
- Meia xícara de açaí
- Meia xícara de morangos ou goiaba (cerca de 70g)
- Uma colher (sopa) de gérmen de trigo (cerca de 6g)
- Seis nozes ou castanha-do-Pará (cerca de 30g)

PREPARO

1. Triturar as nozes num microprocessador e reservá-las.
2. Em um liquidificador, colocar os outros ingredientes da receita, e bater até obter um líquido homogêneo.
3. Servir em copos e acrescentar as nozes trituradas por cima do líquido. Não é necessário acrescentar nenhum tipo de adoçante.

II - ANSIEDADE DOCE CALMA

Os estados de ansiedade podem estar associados a um nível insuficiente



de glicose nos neurônios. Eles precisam de um fornecimento constante de glicose e de oxigênio. E quando algum desses compostos está em falta, surge a irritabilidade, o nervosismo e a ansiedade.

O shake DOCE CALMA for-



nece glicose a partir de fontes saudáveis como bananas, morangos e mel, assim como as fibras solúveis que regulam a absorção da glicose e de outros açúcares. Além disso, é uma boa fonte de vitaminas do complexo B, indispensáveis para que os neurônios utilizem essa glicose.

Em acréscimo a isso, o shake DOCE CALMA contém aveia, um sedativo suave do sistema nervoso. Essa bebida é um bom remédio para crianças ou adultos que precisam combater a ansiedade e o nervosismo, podendo ser tomada de manhã, no desjejum, ou no lanche da tarde.

INGREDIENTES

Para 3 porções de 250 ml

- Duas bananas pequenas
- Uma xícara de morangos (cerca de 140g)
- Quatro colheres (sopa) de leite de coco (60ml)
- Duas colheres (chá) de gérmen de trigo (cerca de 10g)
- Duas colheres (sopa) de mel (cerca de 40g)
- Uma xícara de leite de aveia ou leite de soja (240ml)

PREPARO

1. Colocar todos os ingredientes no liquidificador
2. Bater até obter uma consistência homogênea.

III - PERDA DA MEMÓRIA

Todos os alimentos antioxidantes, como as frutas e hortaliças, são benéficos para a memória e desenvolvem as funções intelectuais.

Todos os ingredientes deste shake têm apresentado grandes benefícios para a memória e as funções cognitivas. A manga favorece a memória e as funções intelectuais, possivelmente devido a seu

elevado poder antioxidante. Igualmente as maçãs e as uvas, sejam frescas ou desidratadas, também reduzem a ansiedade. O leite de coco, graças à gordura especial que contém, é também um neuroprotetor, recomendável quando há significativa perda de memória, como a que ocorre nos que sofrem do mal de Alzheimer.

Por tudo isso, esse shake é muito nutritivo e agradável para se tomar, sendo ideal para o desjejum ou lanche de jovens e idosos que desejam melhorar a memória e a capacidade intelectual.





INGREDIENTES

Para 2 porções de 250 ml

- Meia manga (cerca de 168g)
- Uma maçã sem descascar, se for orgânica (de cerca de 160g)
- Duas colheres (sopa) de uva-passa, de preferência sem sementes (cerca de 30g)

- Uma xícara de leite de coco, ou leite de soja ou de aveia (240ml)

- Duas folhas e menta ou hortelã

PREPARO

- Bater todos os ingredientes no liquidificador, e tomar em seguida.

IV – SUCO DE MAÇÃ

Há estudos que demonstram como o consumo habitual desta receita retarda o declínio cognitivo (a perda as faculdades intelectuais) associado ao envelhecimento. Além disso, o Suco de Maçã tem comprovado ser um neuroprotetor eficaz, que mantém os níveis de acetilcolina e outros neurotransmissores no cérebro e reduz a degeneração neural que causa o mal de Alzheimer.

Estudos realizados na Universidade de Massachusetts (EUA) com pacientes de Alzheimer mostraram que aqueles que consumiram dois copos de 120ml por dia de suco de maçã durante um mês melhoraram seu comportamento e seu estado de ânimo.

Além de muitos benefícios para o intestino, coração e como fator preventivo do câncer, o SUCO DE MAÇÃ mantém o cérebro jovem.

O Suco de maçã não ape-

nas reduz o risco de mal de Alzheimer, mas também melhora a função cerebral dos que já sofrem da doença. Apenas um copo de suco fornece 119% da quantidade de antioxidantes recomendado para um dia.

INGREDIENTES:

Para uma porção de 250 ml

- Duas maçãs médias
- Uma colher (sopa) de suco de limão (cerca de 15 ml)

PREPARO:

1. Descascar as maçãs, caso não sejam de cultivo orgânico.
2. Eliminar as sementes (contêm pequenas quantidades de ácido cianídrico)
3. Passar por uma centrífuga.
4. Acrescentar o suco de limão. Tomar em seguida.

Fonte: PAMPLONA, Jorge. O Poder Medicinal dos Sucos e Shakes – Bebidas saudáveis para fortalecer seu corpo. Tradução Wilson F. Almeida. Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016, p. 52 – 61.



TODOS SOMOS ÁGUIAS

Ouvi na Alemanha, nos meus tempos de estudante, uma pequena história que não é uma fábula, mas um fato verdadeiro. Com ela quero terminar minhas reflexões. Certa feita, um camponês capturou um filhote de águia. Criou-o em casa com as galinhas. A águia se transformou aparentemente numa galinha. Um dia o camponês recebeu a visita de um naturalista que conhecia os hábitos das águias. E disse: esta que está aí não é uma galinha. É uma águia. E a águia não cisca o chão como as galinhas. Ela é chamada a voar alto e estar acima das montanhas. O camponês retrucou: mas ela tem dentro do peito e nos olhos a direção do sol e o chamado das alturas. Ela vai voar. Certa manhã os dois foram bem cedo ao alto da montanha. O sol nascia. O naturalista segurou a águia firme, com os olhos voltados para o

sol. E então lançou-a para o alto. E a águia, transformada em galinha, despertou em seu ser de águia. Ergueu voo. Ziguezagueante no começo, depois firme, sempre mais alto e mais alto, até desaparecer no infinito do céu matinal.

Companheiros e companheiras de sonho e de esperança: dentro de cada um de nós vive uma águia. Nossa cultura e os sistemas de domesticação nos transformaram em galinhas que ciscam o chão. Mas nós temos a vocação para o alto, para o infinito. Libertemos a águia que se esconde em nós. Não permitamos que nos condenem à mediocridade. Façamos o voo da libertação. E arrastemos outros conosco, porque todos escondemos uma águia em nós. Todos somos águias.

*Fonte: BOFF, Leonardo.
Nova Era: a civilização
planetária, p. 82.*



MFC repensando o MFC

Deonira e Jorge La Rosa, Renita Allgayer
Porto Alegre, RS

O MFC completa 65 anos no Brasil. Ocasão especial para o MFC de Porto Alegre revisar e questionar sua caminhada.

Individualmente, quarenta e dois mefecistas aceitaram responder a três questões: (1) Por que permaneço no MFC e O que me faz bem, ao participar? (2) O MFC tem razão de ser na sociedade de hoje, por quê? (3) O que o MFC poderia fazer na sociedade, mas não está fazendo.

RESPOSTAS Á PRIMEIRA PERGUNTA. COMENTÁRIOS.

100% dos respondentes disseram ser seu primeiro motivo de permanência no MFC e o que mais lhes faz bem ao participar:

“A amizade permanente, sincera e enriquecedora, a ternura, a alegria da convivência e do encontro com pessoas que têm objetivos comuns. A aprendizagem, o enriquecimento pessoal e familiar como resultado da reflexão sobre o Evangelho e da troca de experiências nas equipes e

nas Eucaristias mensais, com a consequente mudança de comportamento para melhor. Temos ocasião de praticar a tolerância, a ajuda mútua, a partilha de princípios comuns e divergentes. O MFC é o meu grupo humano e coincide com o meu grupo de fé”.

Esta unanimidade nas respostas da primeira questão nos alegra e se justifica plenamente.

Procuramos o humano e o divino naqueles que nos rodeiam, nas vivências cotidianas: não seria essa a própria essência do cristianismo?

O cristianismo se vive em Comunidade. E o amor é a única lei da comunidade cristã: “Dou-vos UM novo mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34).

“Vede como eles se amam” (diziam os pagãos, falando dos primeiros cristãos. Apolog, 3 - Tertuliano).

“... partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições com alegria e sinceridade de coração” (At 2,46).





"Nisto conhecerão que sois meus discípulos; se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35).

"Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18,20).

"Para que todos sejam um, Pai, assim como tu estás em mim e eu em ti...e o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17,21),

"Permaneça o amor fraterno" (Hb 13,1)

A troca de experiências pessoais e familiares, - cognitivas, emocionais e espirituais - é o melhor método para favorecer a evolução da personalidade, para a cura dos traumas e das incompreensões, para a mudança de comportamento. E é isso o que acontece nas reuniões de Equipe.

Em nossos encontros, aprendemos a escutar em comunidade o que o Espírito diz a cada um e ao MFC. Abrimos a mente para discernir os sinais dos tempos, analisar o que está acontecendo no mundo hodierno. O discernimento se faz sobre o real, sobre a experiência, sobre as histórias. "A realidade é superior à ideia", disse o papa Francisco.

Daí a necessidade e a obrigação dos mefecistas de conhecerem mais o Evangelho para, no dia a dia, iluminar os acontecimentos com a palavra de Cristo, sem dicotomizar fé e vida. Sempre lembramos, quando estivemos trabalhando com grupos do MFC em países da América Latina, o quanto os mefecistas do Paraguai, de

Cuba e do Panamá, se destacavam por conhecer o Evangelho e saber citar as passagens que os ajudassem a compreender os fatos e as experiências compartilhadas.

Ainda na primeira resposta, um número significativo de participantes frisou que

"Me sinto bem no MFC porque é um Movimento laico, de vanguarda, ventilado em ideias, cabeças abertas, com espírito crítico, formador da consciência cristã, com reflexão contemporânea e não ingênua. Não exclui e não discrimina ninguém. Nos sentimos e somos tratados como iguais e respeitados em nossas singularidades. Todos temos um nome. Somos ouvidos".

Pode não parecer, mas sentir-se tratado como tão importante quanto, é um direito fundamental, uma delicada necessidade do ser humano. A pior coisa que uma sociedade pode fazer a uma pessoa é não a reconhecer como um ser humano. Devagar, essa pessoa vai perdendo a identidade, tornando-se objeto, um sem nome. Na sociedade, acontece muito nas relações com meninos, negros, homoafetivos, analfabetos, pobres...

E, quanto a ser um Movimento de vanguarda, destacamos que, historicamente, o MFC luta por uma fé madura e engajada. Está longe do idealismo em relação à família, aceitando-a e amando-a como ela é, quaisquer que sejam suas configurações: tradicionais, divorciadas, recasadas, homoafetivas, monoparentais, etc.



Consideramos o idealismo uma agressão, uma tentação de fazer valer o esquema ideal sobre a realidade. “É a tentação da aparência do bem”, diz o papa Francisco.

Nosso Movimento é de vanguarda porque tenta viver e anunciar um cristianismo, não como sendo um conjunto de normas, dogmas e leis estanques, mas como uma Comunidade que se move, que quer viver a espiritualidade do seguimento de Jesus. A Verdade é uma Pessoa, Jesus (Jo 14,6), portanto sempre possível de ser descoberta em suas novas faces. E ele se identifica com os pobres “O que fizerdes ao menor dos meus, a mim o fazeis” (Mt 25). Ele disse que seremos julgados por termos respondido, ou não, a ele em nossos irmãos e irmãs necessitados.

Em seu Evangelho, Jesus deixa claro que, acima do culto estão as relações, a misericórdia, a compaixão, a partilha, o perdão. “Se estás para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta e vai PRIMEIRO reconciliar-te com teu irmão, só DEPOIS vem fazer a tua oferta” (Mt 5, 23-24).

Movimento de vanguarda também por ter optado pela metodologia participativa, desde os anos oitenta, tanto internamente, nas equipes, na tomada de decisões, bem como nos encontros com noivos. Essa metodologia precisa ser constantemente reestudada.

Também temos consciência que nosso Movimento é laico, supraparouquial, que respeita o clero com quem trabalha, mas, busca não ser clerical, isto é, compreende que a igreja não é uma elite de sacerdotes e/ou bispos, mas é uma comunidade formada pelo povo de Deus. Nesse particular, temos as palavras do Papa Francisco, na carta ao cardeal Marc Querlet em 19 de março de 2016 : “Não é o pastor a dizer ao leigo o que ele deve fazer e dizer, ele sabe tanto ou melhor que nós. Não é o pastor a ter que estabelecer o que os fiéis devem dizer nos diversos âmbitos”.

O Papa também denuncia que muitas vezes a Igreja gerou uma ‘elite laical’ acreditando que “são leigos comprometidos aqueles que trabalham em coisas ‘dos padres’, esquecendo e negligenciando o crente que muitas vezes gasta sua vida e seu tempo na luta cotidiana para viver a fé”.

Francisco assegura que “devemos reconhecer que o leigo, por sua realidade, por sua identidade, porque imerso no coração da vida social, pública e política, porque participante de formas culturais que se geram constantemente, precisa de novas formas de organização e de celebração da fé”. Nesse sentido, o próprio conceito de paróquia está sendo fortemente questionado pelos teólogos. A Congregação para o Clero lançou, há poucos dias, um documento interessante: “A conversão pastoral da comunidade paroquial...”.



Urge ser criativo, sair do espaço geográfico fechado e ir evangelizar lá onde estão as pessoas, no seu dia a dia, através da convivência, pela acolhida, pela palavra, pelo afeto e pela solidariedade, vivendo a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25 – 37).

RESPOSTAS À SEGUNDA PERGUNTA. COMENTÁRIOS

O MFC tem razão de ser na sociedade atual? Todos, sem exceção, afirmam que "sim, e sim mais do que nunca".

As justificativas dizem respeito "à necessidade de colaborar na formação da consciência cristã, de contribuir para a superação de práticas desumanizadoras, como o individualismo, o consumismo, o descaso com o ser humano, o ódio, a luta pelo poder".

Há visível inquietação em relação à "perda" dos valores na família e na sociedade. Dizem que "Vivemos uma crise de valores e o MFC pode empenhar-se em forjar valores humano/cristãos na família e na sociedade".

Nesses tempos difíceis que estamos vivendo no Brasil e no mundo, há a possibilidade de, imperceptivelmente, estarmos confundindo conceitos como: Valores, Moral/Moralismo, Tradição, Conservadorismo, Dogmatismo, Verdade/Mentira.

A questão dos valores é muito complexa. Pede vários encontros para o estudo e a reflexão sobre o tema.

São os valores que determinam as escolhas que fazemos

e os objetivos pelos quais vivemos. O que consideramos como importante ou sem importância, desejável ou intolerável, irá depender dos nossos valores, seja no campo da ética, da política, da economia, da religião ou do mundo das ideias.

Os valores determinam a forma como a pessoa e sociedade se comportam e interagem com os outros indivíduos e com o meio ambiente.

O que cada pessoa elege como valor vai aparecer na sua ação prática, no seu comportamento. São as ações que mostram a força ou a fraqueza do valor.

O valor impulsiona a ação. E a ação, por sua vez, fortalece o valor. Há uma relação circular entre valor e ação. O valor mostra a coerência ou incoerência da prática. E a prática mostra a força ou a fraqueza do valor. Pelas tuas obras saberás como está o valor que escolheste. "De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras?" (Tg 2,14).

Com o passar do tempo, a compreensão dos valores muda. Por isso, os valores precisam ser partilhados em comunidade e amadurecidos, levando em conta a evolução da compreensão do ser humano e das suas relações, dentro de uma cultura.

Quando há crise de valores?

Existem valores de caráter universal, como amor, solidariedade, ética, educação e outros. Quando, em vez desses valores, se aceitam os antivalores como normais e quando sua prática



passa a se expandir na família e na sociedade; quando a família e a sociedade passam a aceitar, por exemplo, a antiética, a violência, o individualismo, a tortura, o consumismo, a mentira, a miséria, e outros, como sendo “normais” e toleráveis, quando isso acontece, temos instalada a “crise” de valores.

O que fazer?

Baseados nas nossas crenças e nas opções que fizemos em relação a valores, precisamos estabelecer critérios pelos quais vamos pautar nosso comportamento. E ensinar com palavras claras e exemplos que todos somos responsáveis por construir um mundo melhor.

A família é a primeira provedora da ética e da moral. A família foi, é, e continuará, de uma forma ou de outra, sendo o núcleo essencial, formador e estruturador do sujeito em qualquer sociedade, tempo ou espaço. Entretanto, novas estruturas parentais e conjugais e/ou famílias que possam ter pai, ou mãe, ou filho, homoafetivos, não configuram uma crise de valores, desde que prevaleça o afeto, o amor. A crise de valores da família está na prática da violência, na falta de cuidado e de afeto, no desamor, na traição, na falta de educação, na pedofilia e no estupro, na manutenção da ignorância, na desatenção dos órgãos públicos e da sociedade em proporcionar a todos a chance de uma vida digna.

O falso moralista, o fanático, o fundamentalista segue cegamente (e discursivamente) a moral e

exige que todas as pessoas sigam os mesmos passos. O moralista se sente um juiz, um “fiscal de alfândega” como o papa Francisco já disse. Ele é quem sabe como os outros devem agir. Como a família deve ser. Discrimina os diferentes, se nega a compreender e aceitar as realidades que dizem respeito a sexo, gênero, cor, diferentes formatos de famílias. O falso moralista impõe aos outros os preceitos que não segue. Não aceita que a família tenha significado plural.

Por isso, se converte em juiz implacável que “salva” ou “condena”, assume atitudes fascistas ou nazistas, com a ilusão da família pura, da ideologia pura, da religião pura. A intolerância será sempre um desvio e uma patologia e assim deve ser considerada.

Porque uma família, conjugal ou parental, tão diferente da sua, causa tanto incômodo?

RESPOSTAS À TERCEIRA PERGUNTA. COMENTÁRIOS

As respostas nesta questão agrupam-se em três direções:

“Atrair novos participantes. Buscar maior protagonismo. Ocupar espaço nas redes sociais”.

Para atrair, lembram que os jovens devem ser buscados, ajustando-nos a novas formas de grupos, a conteúdos alinhados aos anseios da sociedade atual. Tornar conhecida a visão de família e de cristianismo do MFC.

Presença mais atuante nas redes sociais, apoiando iniciativas relacionadas às questões sociais que afligem as famílias



e oferecer oportunidades de formação também aos que não estão no MFC.

Investir na formação continuada, usar a experiência dos mais antigos e de especialistas como psicólogos, sociólogos, teólogos e biblistas, habilitando a análise dos discursos sobre temas importantes para a sociedade atual. Exemplificam com questões de gênero, de inclusão, de direito à vida, de política e de atual legislação sobre família.

O MFC pode ajudar a igreja católica, e também as evangélicas, a superar a regressão observada em relação a conceitos sem fundamento, e até contrários à inspiração cristã, no que diz respeito à família, à ciência, à bíblia, à tradição.

Sobre a nossa Casa da Criança, há sugestão para que, além da ludicidade e alimento, se invista junto com o Calábria em ações para desenvolver e alimentar a espiritualidade dos jovens que lá estão e outros jovens daquela Comunidade.

Aos cem anos, Joseph Moingt, grande e renomado teólogo (morreu faz poucos meses aos cento e quatro anos) deu uma entrevista, da qual achamos importante destacar algumas afirmações: "O espírito do homem muda constantemente e a própria tradição é essencialmente móvel. Se a fé não se move, o modo de pensar a fé, por outro lado, se move, muda. Porque o espírito humano é mutável, ele é habitado pela temporalidade, nunca é o mesmo.

É preciso se deixar inquietar. É preciso se deixar perturbar pela dúvida. Ousar se interrogar e sair dos caminhos batidos. Ousar seguir em frente. Isso é fidelidade à verdade. Parece-me algo necessário a ser adquirido.

A teologia hoje tem de ser feita e ensinada com base nas escrituras, daí a pesquisa com exegetas e historiadores. Seria preciso que a teologia aprendesse a falar todas essas linguagens: da filosofia, da história, da sociologia, simplesmente para pensar a fé com os instrumentos de pensamento da sua época.

O que o senhor espera hoje?

Vemos o espírito de lucro prevalecer cada vez mais sobre o espírito de partilha. Não há verdade senão compartilhada. E, onde a verdade não é compartilhada, não há verdade. O espírito de partilha talvez seja aquilo que mais falte nos nossos dias. É evidente que ele falta no plano econômico. De forma quase delirante, não aceitamos compartilhar: quem tem muito quer ainda mais e não aceita compartilhar aquilo que tem. Se a Igreja quiser compartilhar a sua verdade com os outros, ela deveria aceitar compartilhar a verdade dos outros.

Gostaríamos que o outro pensasse como nós. Mas não: Enquanto escutamos o outro, é a sua verdade que vem até nós. A partilha, portanto, se faz nos dois lados.

Vale a pena pertencer ao MFC. Com alegria comemoramos seus 65 anos no Brasil!



*Sei que afinal o horizonte
é aprendizagem: ensina a gente
situar o que está logo adiante.
Além de tudo, torna presente*

*a impressão de que avante,
a gente andando, se encontra rente
de onde se acha o horizonte.
Também uma coisa qualquer um sente:*

*é que estando no centro e ante
à linha curva que cerca a gente
cada um pensa ser importante,*

*no meio do mundo, sem aderente,
dono de tudo, do horizonte,
que não se nega, circunferente.*

*Arlete Nogueira da Cruz: Colheita – antologia poética, p. 40.
Escritora e poetisa maranhense, professora aposen-
tada do Departamento de Filosofia da UFMA.*



Seja autor de sua cura...

Cura-te a ti próprio com a luz do sol e os raios da lua. Com o som do rio e da cachoeira. Com o balanço do mar e o agito dos pássaros.

Cura-te a ti próprio com hortelã, com neem e eucalipto.*

Adoça-te a ti próprio com lavanda, rosmaninho e camomila.

Abraça-te a ti próprio com a fava do cacau e um toque de canela.

Coloque amor no chá, em vez de açúcar, e o tome olhando para as estrelas.

Cura-te a ti próprio com os beijos que o vento lhe trará e com os abraços da chuva.

Torna-te forte com os pés descalços no chão e com tudo que nascerá com isto.

Torna-te mais sábio todo dia pela escuta de tua intuição, olhando para o mundo com o olho ao centro de teus olhos.

Pule, dance, cante, de modo que possas viver mais alegre.

Cura-te a ti próprio, com belo amor, e lembra-te sempre... tu és a medicina.

***Neem (imagem ao lado) é uma planta do sudeste da Ásia e Índia que traz benefícios medicinais, além de gerar renda para família que vivem em pequenas comunidades agrícolas.**

Sabrina, curandeira mexicana e poeta.





SUGESTÕES DE LEITURA



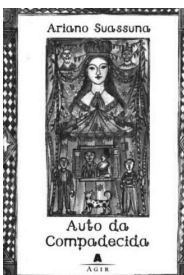
1 – A vida não é útil. Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Segundo o autor, “Os povos nativos resistem a essa investida do branco do mundo utilitário porque sabem que ele está enganado, e, na maioria das vezes, são tratados como loucos. Escapar dessa captura, experimentar uma existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida, cria um lugar de silêncio interior. Nas regiões que sofreram uma forma de interferência utilitária da vida, essa experiência de silêncio foi prejudicada” (p. 112).

Nesta obra, o escritor indígena Ailton Krenak contraria todas as expectativas do mundo moderno de que haja alguma “utilidade” na vida. O livro expõe de modo profundo e direto as possíveis outras leituras que podemos construir diante da imposição de um modo de habitar o mundo destrutivo e irracional, hegemônico com a lógica da exploração do mercado e do consumismo.



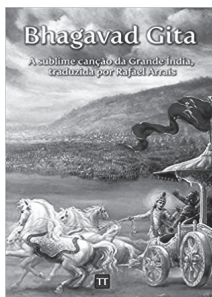
2 – O monge e o pastor: diálogos para um mundo melhor. Marcelo Barros e Henrique Vieira. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

O livro é resultado da troca de cartas via email de dois representantes cristãos, o monge Marcelo Barros e o pastor Henrique Vieira, debatendo o atual momento sob a dramática presença da pandemia, de suas correlações com a sociedade excludente e geradora de preconceitos e injustiças, e de suas histórias de vida, de seu universo afetivo e familiar, do engajamento pastoral e dos sinais de esperança para o atual cenário. Um livro recheado de paz inquieta e poesia libertária.



3 – O Auto da Compadecida. Ariano Suassuna. Ilustração Manuel Dantas Suassuna, 39. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

É considerada o marco na produção dramática de Suassuna. Publicado pela primeira vez no ano de 1955, o livro é marcado pela sensibilidade crítica do autor, apresentando a relação entre poder econômico local e suas relações corrompidas com a figura das autoridades religiosas em contraponto à realidade do povo sofrido do interior do Nordeste brasileiro. O autor perpassa a linguagem do sertanejo de modo cômico e crítico, ao mesmo tempo que desvela a vida sertaneja de grande parcela da população nordestina e o seu modo de encarar tal condição.



Também conhecido como "A Sublime Canção", o Bhagavad Gita constitui a mensagem essencial do conhecimento védico da Índia e um dos grandes clássicos da literatura espiritual e filosófica do mundo.

O diálogo entre Arjuna e Krishna traz a busca pela libertação da alma de suas tormentas e conflitos. Krishna assume, por isso, o papel de confidente e conselheiro, procurando livrar Arjuna da inquietação interior. Uma metáfora sobre a busca do equilíbrio entre a natureza humana e a sua relação com o Eu divino em nós.



"Que é ser feliz? Ser feliz é estar em perfeita harmonia com a constituição do Universo.

Aqui na Terra, somente o ser humano pode ser conscientemente feliz _ e também conscientemente infeliz". Eis a síntese desta obra do filósofo e educador brasileiro Huberto Rohden (1893 - 1981), que apresenta, através de várias reflexões existenciais, aquilo que para ele constitui "o problema central e máximo da humanidade", a busca da felicidade.

Rohden dialoga com escolas de pensamento Filosófico, como a Escola de Filosofia e Medicina de Hipócrates, o pensamento socrático, o Estoicismo, a prática terapêutica da meditação, além de apresentar situações corriqueiras da sociedade contemporânea, em permanente trabalho de reflexão sobre o tema. Um livro imprescindível.



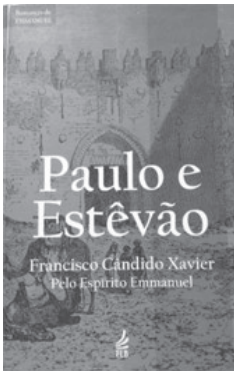
Um grupo de frades dominicanos de São Paulo se engajou na resistência à ditadura civil militar no Brasil. Em 1969, eles foram presos, e os efeitos físico-psíquicos da tortura levou um deles à morte: frei Tito de Alencar Lima. Outros três, Ivo, Fernando e Betto, permaneceram quatro anos na prisão.

"Diário de Fernando" é um documento inestimável para a história brasileira. Frei Fernando anotou o que testemunhou durante a prisão. Passados trinta e seis anos, seu relato ganhou visibilidade graças à narrativa de Frei Betto. Um livro que testemunha um tempo de lutas e resistência pela democracia.





Obra prima do escritor francês Victor Hugo (1802 - 1885), "Os Miseráveis" (publicada no ano de 1862) narra a vida de Jean Valjean, um homem marcado pela dor da perda precoce dos pais e a condenação a cinco anos de prisão, por ter roubado um pedaço de pão, diante do desespero da fome de seus irmãos. Por tentar fugir, várias vezes, sua pena é aumentada para dezoito anos. Ao sair, finalmente é acolhido por um bispo caridoso, que faz nascer nele o recomeço de uma vida. Diante de sua consciência, Jean Valjean busca encontrar no senso de justiça e de entrega incondicional aos sofredores do mundo a sua missão para reconduzir sua vida ao profundo estado de paz interior. Um clássico da literatura universal.



Considerado uma obra-prima da parceria entre o Espírito Emmanuel e o médium Francisco Cândido Xavier, o romance "Paulo e Estevão", publicado no ano de 1941, narra a vida de Saulo de Tarso, que viria a tornar-se "Paulo", que passa por uma profunda mudança de vida em um exemplo de luta, fé e amor. Uma história que nos faz compreender como o amor é capaz de apagar uma multidão de faltas cometidas em cada existência vivida. "(...) o valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário, mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida" (p. 378).

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“A contemplação encontra a sua plena realização em nossa capacidade de amar os outros assim como Deus nos ama.”

Frei Betto: “Oração na Ação”, p. 34.





O rio aprendiz...

Meu avô era como um sábio que possuía todo o conhecimento de nossa gente. Qualquer coisa que a gente queria saber era só recorrer a ele que logo tinha uma história para contar. Foi ele que me ensinou que era preciso, de vez em quando, mudar. Disse isso pensando no rio. Fez-me olhar o rio que corria.

- Um dia – disse-me ele – o rio estava muito chateado por não poder fazer outras coisas. Ele não gostava de ficar o tempo todo correndo para um mesmo lugar, sem nunca mudar de curso. Lamentava-se para todo mundo. Falava com as árvores que o margeavam; falava com os peixes que nadavam em seu leito; falava com as capivaras que o atravessavam vez ou outra; falava com a Mãe-d'água que precisava dele para manter sua beleza e seu encanto. Enfim, falava com todos achando que poderia mudar sua tarefa.

Numa noite de lua cheia, o rio estava tão absorvido com suas reclamações que não notou que o Grande Espírito passeava por suas margens. Este o chamou diversas vezes até que o rio olhou para ele, mas não o reconheceu. Continuou na lengalenga de sempre, reclamando do seu monótono trabalho de sair da nascente e ir até o oceano. Nisso, o Criador o chamou e falou que havia ouvido sua reclamação e gostaria de saber o que o rio pretendia. Sem reconhecer quem falava com ele, o rio apenas retrucou que queria ser outra coisa, que não queria apenas servir de transporte para peixes e homens.

- Eu queria ser como o pássaro – disse o rio. – Queria voar alto, olhar o mundo lá de cima.

- E para que você gostaria de voar? – perguntou o Criador, Avô do Mundo.

- Queria sentir a liberdade de voar, de conhecer ou-





tros lugares, não ficar preso a esse destino.

- Você já compreendeu a importância de seu trabalho, irmão rio?

- É um trabalho sem sentido – disse o rio.

- Tenho a impressão de que não é bem assim. Você caminha por todos os lados. Você não tem empecilhos que possam desviá-lo de seu caminho; você não tem quem possa pará-lo; você não pode morrer, pois é a principal fonte de vida em nosso mundo. Somente você mesmo pode ser seu inimigo e é isso o que está acontecendo.

O rio ficou pensando no que lhe disse o Criador e pediu um tempo para meditar em suas palavras.

Alguns dias depois, Nosso Pai Primeiro voltou ao rio e perguntou novamente se ele estava disposto a transformar-se num pássaro. O espírito do rio

fitou bem o Criador e disse-lhe que não. Disse que estava muito feliz por ser quem era. Disse que havia pensado muito, conversado muito, viajado muito e que decidira permanecer rio.

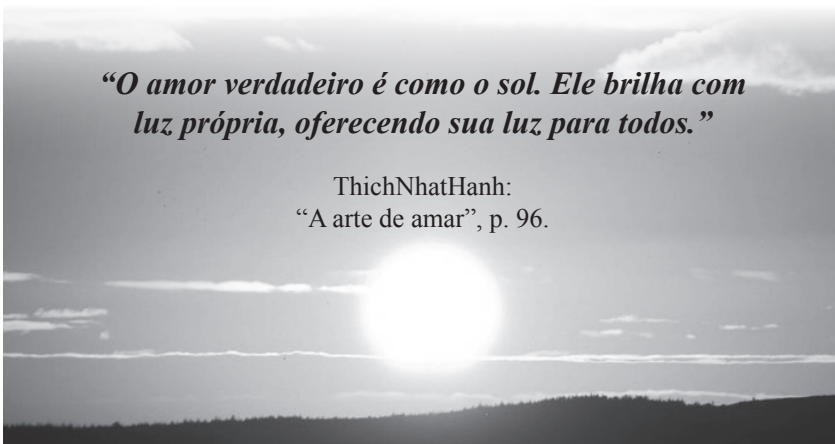
O Criador ouviu em silêncio as palavras do rio e apenas disse:

- Por isso você é o mais sábio dos seres. Como prêmio por sua generosidade, você irá transformar-se todos os dias e irá lembrar aos outros seres que a perseverança é a maior das virtudes. Irá lembrar a todos que é preciso seguir sempre, mesmo por caminhos difíceis. Irá lembrar que é preciso seguir a voz interna, a única que nos guia ao encontro do Grande Rio.

Fonte: MANDURUKU, Daniel. Tempo de Histórias. Antologia de contos indígenas. Organização e apresentação de Heloisa Prieto. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006, p. 19 – 21.

“O amor verdadeiro é como o sol. Ele brilha com luz própria, oferecendo sua luz para todos.”

ThichNhatHanh:
“A arte de amar”, p. 96.





CATADOR DE LINDEZAS

Eu venho de lá, onde o bem é maior. De onde a maldade seca, não brota. De onde é sol, mesmo em dia de chuva e a chuva chega como bênção.

Lá sempre tem uma asa, um abrigo para proteger do vento e das tempestades.

Eu venho de um lugar que tem cheiro de mato, água de rio logo ali e passarinho em todas as estações.

Eu venho de um lugar onde quem parte fica sempre, porque só deixou boas lembranças.

Eu venho de um lugar onde criança é anjo, jovem é esperança e os mais velhos são confiança e sabedoria.

Eu venho de um lugar onde irmão é laço de amor e amigo é sempre abraço. Onde o lar acolhe para sempre, como o coração de mãe.

Eu venho de um lugar que é luz mesmo em noite escura.

Que é paz, fé e carinho. Eu venho de lá e não estou sozi-

nho. "SOU CATADOR DE LINDEZAS", sobrevivo de encantamento, me alimento do que é bom, do bem. Procuro bonitezas e bem-querer, sobrevivo do que tem clareza e só busco o que aprendi a gostar. Não esqueço de onde venho e vou sempre querer voltar.

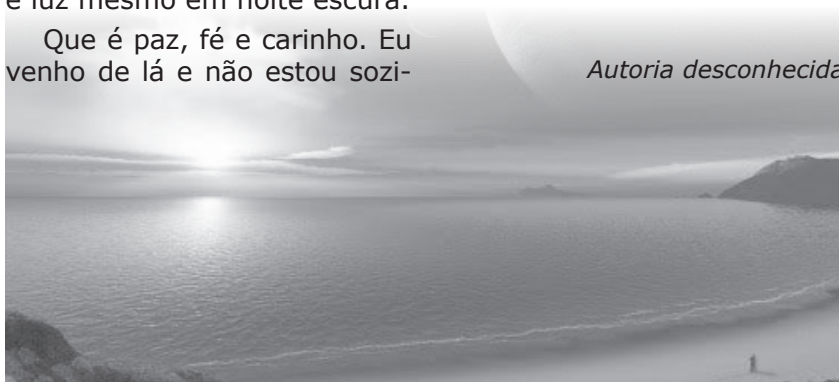
Meu lugar se sustenta do bem que encontro pelo caminho, junto a maços de alfazema e alecrim. Assim, sou como passarinho carregando a bagagem de bondade, catando gravetos de cheiro, para esquentar e sustentar o ninho...

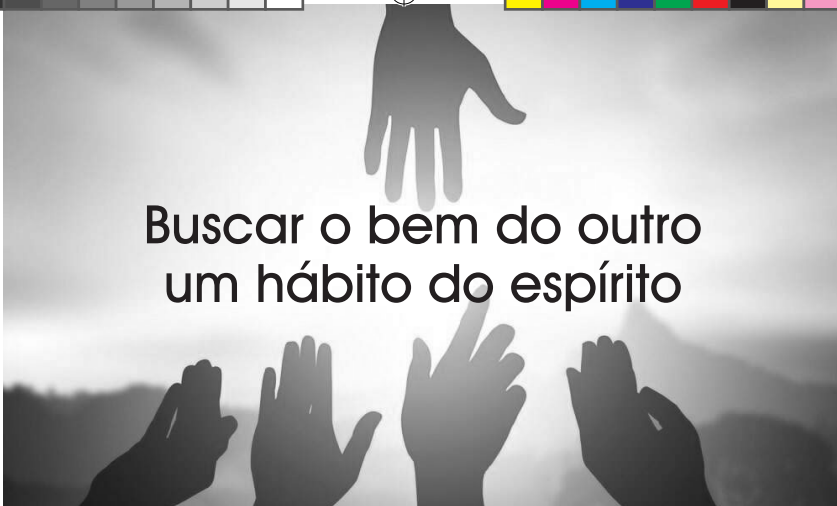
Talvez a vida tenha feito você acreditar que este lugar não existe. Te digo: tem sim, é fácil encontrar.

Silencie, respire, desarme-se, perceba, é pertinho.

Este lugar que pulsa amor é dentro da gente, é essência, está em cada um de nós. Basta a gente buscar.

Autoria desconhecida





Buscar o bem do outro um hábito do espírito

Embara existam vários métodos para disciplinar o espírito, é de extrema importância pensar sobretudo no bem do outro. Pensamentos de benevolência para com os outros trazem felicidade não só para eles, mas também para nós mesmos. Quando, em vez disso, só pensamos em nosso próprio bem, em nossas próprias comodidades, daí não pode surgir outra coisa senão sofrimento. Por isso diz o grande sábio e santo indiano Santideva: "Todo sofrimento neste mundo surge por causa do desejo egoísta da própria felicidade e bem-estar. Mas toda felicidade é o resultado da busca desinteressada do bem-estar e da felicidade dos outros".

A felicidade, seja ela passageira ou última, é resultado direto ou indireto da busca sincera do bem dos outros. A principal causa do sofrimento é a busca egoísta da própria felicidade e comodidade. Para

nosso mundo atormentado pela desunião, isto tem plena validade, não importando se os ditos sofrimentos surgem em grande escala, por exemplo, por discórdias entre duas nações ou por uma ação reprovável que acarrete a perda de muitas vidas. Quando a colaboração entre vizinhos e nações é motivada por pensamentos de benevolência de uns para com os outros, estes motivos possuem altíssimo valor. É conveniente que à busca desinteressada pelo bem e felicidade dos outros se dê um peso maior do que à busca egoísta da própria salvação e felicidade.

(...) Se cultivarmos em nossa vida pensamentos de benevolência para com todos os seres – começando pelos homens e chegando até aos menores insetos – necessariamente este mundo há de transformar-se num lugar em que podemos levar uma vida mais feliz. A felicidade para





nós e para os outros é alcançada quando nos concentramos antes de tudo no bem dos outros.

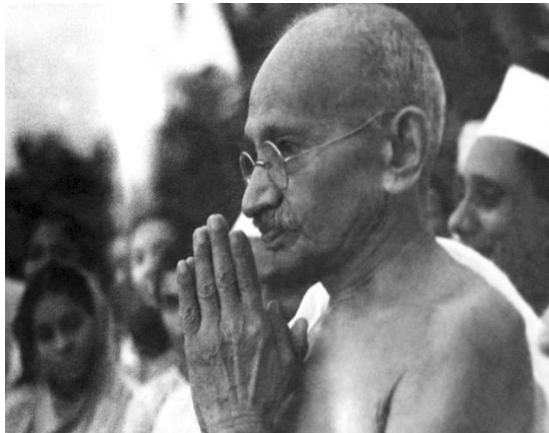
O mundo necessita hoje de amor e de compaixão. É da máxima importância que cultivemos pensamentos amáveis para com os outros, até o ponto de esta maneira amável

de pensar se haver transformado em um hábito firmemente arraigado do espírito.

Dalai Lama, Ioga do espírito
– extraído do livro: "Princípio de Compaixão e Cuidado: o Encontro entre Ocidente e Oriente", Leonardo Boff, com a colaboração de Werner Müller, Editora Vozes, 2009, p. 45-47.

ASSIM FALOU MAHATMA GANDHI

Stanley Jones, o grande missionário norte-americano da Índia, pediu a Gandhi o orientasse sobre o melhor modo de fazer com que os hindus vissem no cristianismo algo seu, e não um elemento alheio ao espírito da Índia. Ao que o Mahatma respondeu:



1) "Antes de tudo, aconselharia aos cristãos que vissem assim como o Cristo viveu.

2) Que transformassem a religião em atos, sem lhe fazer violência nem a degradar.

3) Que pusessem ênfase especial na prática do amor, porque o amor é o centro e a alma do Cristianismo. Entendo por amor não algum sentimento emocional, mas uma

força creadora, a força do universo moral.

4) Que os cristãos estudassem com mais simpatia as religiões e culturas não-cristãs, para descobrir o que nelas há de bom e adquirir a faculdade de se aproximar do oriental com maior compreensão."

Fonte: ROHDEN, Huberto. Ídolos ou Ideal?. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, s/d, p. 19.





O MFC que está em mim

José Maurício Guedes

Eu costumo dizer que entrei para o MFC em 1965 mas que o MFC só entrou em mim em 1995, falo isso por que durante trinta anos, embora bastante presente, participava apenas das reuniões da equipe e de algumas programações e somente depois de passar a compor o colegiado estadual de Minas Gerais e vivenciar o meu primeiro ENA em Maceió integrei-me inteiramente ao Movimento.

Desde então intensificou-se minha participação.

Sem querer me vangloriar: De 1995 a 1998 visitamos todas as regiões de Minas Gerais, chegando a fazer viagens de mais de 1.000 quilômetros. Em 1998 apoiei decididamente a realização do ENA de Juiz de Fora, onde fomos eleitos casal vice coordenadores regionais e nacionais, no mandato Rita e Luiz Carlos, acumulando as funções de Tesoureiro Regional e Nacional, função essa que continuaria a exercer no mandato seguinte. Ajudei a compor e a gravar, com Carminha e Mário Schmitz o hino ali lançado "Sinal aberto" Pouco depois, não me lembro bem a data, voltamos a ocupar as funções de vice na Coordenação Estadual durante o



mandato de Galdino e Marisa, mandato que foi estendido por 6 anos. Em seguida fomos eleitos vice coordenadores regionais, também com Marisa e Galdino, sempre acumulando as funções de Tesoureiro, quando voltei a participar do CONDIN, do qual participei também como Secretário Nacional de Formação. Integrei as equipes de Metodologia e Conteúdo dos ENA de Maringá e de Vila Velha, onde, juntamente com Itamar Bonfatti, apresentei também uma oficina sobre a história do MFC. Exerço as funções de Tesoureiro no MFC local e Coordenador da Livraria há bem mais de 10 anos.

Em minhas participações nas Coordenações Estaduais defendi a aprovação de um Fundo de Reserva para subsidiar e estimular a participação das cidades nos Encontros Estaduais e Nacionais e no CONDIN me empenhei em lutar por uma estrutura nacional mais eficaz para se obter uma comunicação mais direta com



as bases, objetivo que mesmo sem as mudanças propostas vem sendo parcialmente alcançado pela atual administração.

Mas o que mais me realizou mais foi ter assumido em 2008, espontaneamente, as funções de Coordenador da nossa querida e importante Revista, cargo que desempenhei com muito afinho e prazer até fins de 2019 e por poder continuar, a partir de então, a prestar algumas tarefas na administração e edição da mesma revista que es-

pero continue a ser o principal instrumento de formação do Movimento, como idealizado pelo saudoso Hélio Amorim.

Em resumo, o objetivo dessa mensagem é estimular e realçar a importância de superarmos o comodismo e nos dispor a participar das diversas coordenações a que formos solicitados e não deixar de participar dos ENAs e dos Encontros Estaduais, atitudes fundamentais para melhor conhecer e amar o Movimento crescendo juntamente com ele.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor de sua pele. As pessoas aprendem a odiar. Elas podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração.”

Nelson Mandela
(1918 – 2013)



“Podemos apreciar os poemas e os ensinamentos. Mas praticá-los, vê-los, torná-los reais – esse é o verdadeiro ensinamento.”

Monja Coen

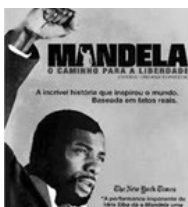




1 - "FAHRENHEIT 451". Reino Unido da Grã-Bretanha, Irlanda do Norte, 1966. Direção: François Truffaut. Baseado no livro homônimo de Ray Bradbury, o filme retrata um futuro sem livros, onde agentes são designados para queimar livros proibidos. Uma fábula extraordinária em que o ser humano se transforma no terror mais assustador.



2 - "OS 47 RONINS". Japão, 1958. Direção: Kunio Watanabe. No Japão, em 1701, o Lorde Asano é condenado a cometer "seppuku" (suicídio samurai), após agredir o arrogante Lorde Kira, o mestre de cerimônias do Xogum. Após sua morte, seus leais samurais decidem vingá-lo.



3 - "MANDELA: O CAMINHO PARA A LIBERDADE". EUA, 2013. Direção: Justin Chadwick. Baseado na autobiografia de Nelson Mandela, o filme narra sua infância, sua escolaridade e os vinte e sete anos que permaneceu na prisão antes de se tornar presidente da África do Sul e trabalhar para a reconstrução da sociedade de um país marcado pela segregação.



4 - "JORNADA DA ALMA". França, Itália, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, 2011. Direção: Roberto Faenza. Uma jovem de dezenove anos dá entrada em um hospital psiquiátrico em Zurique, onde ela chega da Rússia em condições desesperadoras. O jovem médico Carl Gustav Jung (1875 - 1961) assume o caso, dando a ela uma oportunidade única e apaixonante de superação de seu quadro clínico.



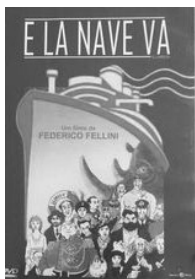
5 - "BUENA VISTA SOCIAL CLUB". Cuba, 1997. Direção: Wim Wenders. O cineasta documenta o último encontro musical de um grupo de músicos cubanos, que há muito tempo não se encontravam. A rememoração de grandes clássicos da música cubana faz do encontro um marco na vida deste inesquecível momento histórico.



Imagem
não
disponível

6 - "ÍNDIOS NO BRASIL: QUEM SÃO ELES?".

Brasil, 2000. Direção: Vincent Carelli. Em cinco episódios produzidos pela TV Escola, a série retrata, sob a narração do líder indígena Ailton Krenak, o desconhecimento e os estereótipos do senso comum sobre a realidade indígena que está na base do processo de discriminação sofrido por estas comunidades. Nove lideranças indígenas, em vários povos distintos no Brasil, vão rebatendo os equívocos relatados pelas falas dos entrevistados.



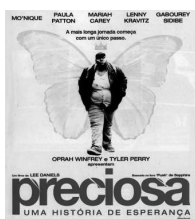
7 - "E LA NAVE VA". Itália, 1983. Direção: Fe-

derico Fellini. Orlando é um jornalista que embarca num luxuoso navio que parte de Nápoles para o ritual de enterro da famosa cantora de ópera Edmea-Tetua. As disputas internas dos amigos da diva são interrompidas pelo resgate do mar de dezenas de refugiados sérvios, assinalando o início da primeira Grande Guerra. Uma leitura única das profundas desigualdades sociais ligadas ao drama da guerra, pelo genial cineasta italiano Federico Fellini.



8 - "O LABIRINTO DO FAUNO". Espanha,

2007. Direção: Guilherme del Toro. O filme nos remete ao ano de 1944, e conta a apaixonante viagem de Ofélia, uma garota de treze anos, em meio ao contexto do período de repressão Franquista, protagonizado pelo cruel Vidal, e que precisa cumprir uma mágica missão. Uma maravilhosa história, onde a magia, que rodeia Ofélia, nos leva a um universo único cheio de aventuras e emoções.



9 - "PRECIOSA". EUA, 2009. Direção: Lee Da-

niels. Precious Jones é uma garota pobre do Harlem, que sofre com diversos infortúnios da vida. Ela sofre abusos sexuais desde a infância e busca uma oportunidade de seguir a vida. Com a ajuda de suas colegas e de uma dedicada professora, Precious inicia sua jornada de superação.



10 - "A ÚLTIMA HORA". EUA, 2007. Direção:

Leila Conners e Nada Conners. Produzido e narrado pelo ator Leonardo de Capprio, o documentário apresenta o momento derradeiro para que possamos mudar o curso da história e parar nossa corrida rumo ao colapso ecológico global. Vários especialistas, cientistas e ativistas relatam o atual cenário das alterações climáticas e suas consequências para o futuro na relação dos seres humanos com a sua responsabilidade ética de salvaguardar a vida no planeta, nossa Casa Comum.

